



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras LIP - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Gabriela Torres da Silva

**O nordeste no centro-oeste: Contribuições dos pioneiros nordestinos à
constituição da identidade linguística de Brasília.**

Brasília, 2025



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras LIP - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Gabriela Torres da Silva

O nordeste no centro-oeste: Contribuições dos pioneiros nordestinos à constituição da identidade linguística de Brasília.



Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do grau de LICENCIADA EM LETRAS.

Orientadora: Profa.Dra. Ulisdete R. de Souza Rodrigues

À minha mãe, Dinária Maria, que fez tudo o que pode para que eu chegasse até aqui, que trabalhou muito para financiar uma vida inteira de estudos que culmina neste momento. A ela, cada linha aqui escrita.

Agradecimentos

Início agradecendo a Deus pela graça de me trazer até o fim de mais um ciclo que foi repleto de desafios, mas que obtive bom êxito sobre todos eles porque o Senhor me permitiu que assim fosse, por isso e por tudo, louvo a Deus.

Agradeço à minha mãe, Dinária Maria Torres da Silva, que me incentivou, acreditou e custeou toda minha vida escolar e acadêmica, sozinha, sem o auxílio de mais ninguém, nem mesmo governamental, sei que isso lhe custou muito e demandou muitas renúncias, que espero retribuir todas. Deixo aqui registrado que ela é a minha maior fonte de inspiração e motivação para me tornar bem sucedida.

Ao meu marido, Lucas Mendes Carvalho, que me incentivou e esteve comigo em momentos desafiadores, nas madrugadas em claro de estudo, que cuidou de mim em momentos de preocupação e ansiedade ocasionados pela vida acadêmica, e que foi o meu maior auxiliador emocional na escrita deste trabalho. A ele todo meu amor e minha gratidão.

Aos meus amigos que sempre acreditaram no meu potencial e trouxeram alegria em dias fatigantes.

À professora Dra. Ulisdete Rodrigues pela orientação, conselhos e direcionamentos e pela paciência e compreensão com as quais me orientou.

A todos que de alguma forma contribuíram para minha formação, meu muito obrigada, vocês fazem parte da minha história, sintam-se abraçados

RESUMO

Este trabalho analisa as influências do dialeto nordestino no dialeto brasiliense, considerando os aspectos históricos, sociais e linguísticos que permeiam essa interação. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com elementos quantitativos, utilizando entrevistas semiestruturadas, observação ativa e análise de material audiovisual. Os resultados revelam influências significativas nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e lexical. Destacam-se fenômenos como a palatalização das oclusivas dentais, a abertura das vogais pretônicas e a incorporação de expressões idiomáticas nordestinas. O estudo também examina as atitudes linguísticas dos falantes e as variações geracionais, evidenciando um processo dinâmico de formação e transformação do dialeto brasiliense. Conclui-se que a influência nordestina é um elemento fundamental na constituição da identidade linguística de Brasília, refletindo o processo histórico de construção e povoamento da capital federal.

Palavras-chave: Dialeto brasiliense; Dialeto nordestino; Sociolinguística; Variação linguística; Contato dialetal.

ABSTRACT

This study analyzes the influences of the Northeastern dialect on the Brasília dialect, considering the historical, social, and linguistic aspects that permeate this interaction. The research adopts a qualitative approach with quantitative elements, using semi-structured interviews, active observation, and analysis of audiovisual material. The results reveal significant influences at the phonetic-phonological, morphosyntactic, and lexical levels. Notable phenomena include the palatalization of dental occlusives, the opening of pretonic vowels, and the incorporation of Northeastern idiomatic expressions. The study also examines speakers' linguistic attitudes and generational variations, evidencing a dynamic process of formation and transformation of the Brasília dialect. It concludes that the Northeastern influence is a fundamental element in the constitution of Brasília's linguistic identity, reflecting the historical process of construction and settlement of the federal capital.

Keywords: Brasília dialect; Northeastern dialect; Sociolinguistics; Linguistic variation; Dialect contact.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	08
1.2 Contextualização histórica da formação de Brasília.....	09
2.PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	11
2.1 A perspectiva dos linguistas.....	12
2.2 A perspectiva dos gramáticos.....	13
2.3 Teorias de contato linguístico.....	13
2.4 Variação e mudança linguística.....	14
2.5 Estudos prévios de dialetos regionais no Brasil.....	15
3.PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	16
3.1 Coleta de dados	16
3.2 Perfil dos participantes.....	18
4. ANÁLISE DE DADOS.....	19
4.1 Influências no nível fonético-fonológico.....	18
4.2 Influências no nível morfossintático.....	20
4.3 Influências no nível lexical	22
4.4 Fatores sociais e históricos	22
4.5 O papel da mídia na difusão de um novo dialeto.....	25
4.6 Alcance do estudo	25
5. IMPLICAÇÕES DESTE ESTUDO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM BRASÍLIA.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
APÊNDICES.....	32

1 APRESENTAÇÃO

O Brasil, país de dimensões continentais, apresenta uma rica diversidade linguística que se manifesta através de diferentes falares com marcações regionais diversas. Dentre esses, a variante do português falado no nordeste e a variável falada em Brasília destacam-se por suas particularidades e pela relação histórica que estabelecem entre si. O presente trabalho tem como objetivo analisar as influências do português nordestino sobre o português brasileiro, considerando os aspectos históricos, sociais e linguísticos que permeiam essa interação. Será discutido, também, sobre quem foram essas pessoas que migraram para Brasília durante sua construção e quais eram seus lugares na sociedade e como isso afetou a importância dessa variante nos dias atuais de Brasília.

Os estudos dialetais no Brasil têm uma longa tradição, remontando ao final do século XIX com os trabalhos pioneiros de estudiosos como Amadeu Amaral e Antenor Nascentes. No entanto, foi a partir da segunda metade do século XX que esses estudos ganharam maior impulso, com o desenvolvimento da Sociolinguística e da Dialectologia moderna. A importância desses estudos reside não apenas no registro e descrição das variedades linguísticas brasileiras, mas também na compreensão dos processos sociais, históricos e culturais que moldam a língua. Como afirma Cardoso (2010, p. 15):

Os estudos dialetais nos permitem compreender a língua como um fenômeno social vivo, em constante transformação. Eles revelam não apenas aspectos linguísticos, mas também a história, a cultura e a identidade de um povo.

No caso específico de Brasília, os estudos dialetais ganham uma relevância adicional devido à singularidade de sua formação. A cidade oferece um laboratório único para a observação de processos de contato linguístico e formação de novos dialetos em um contexto urbano planejado.

O objetivo principal deste trabalho é analisar as influências do português nordestino no português brasileiro, considerando os níveis fonético-fonológico, morfossintático e lexical. Além disso, busca-se:

- a)** Identificar os fatores sociais e históricos que contribuíram para essa influência;
- b)** Investigar as variações geracionais no uso de traços linguísticos de origem nordestina;
- c)** Analisar as atitudes linguísticas dos falantes brasileiros em relação aos traços nordestinos;
- d)** Discutir as implicações dessas influências para a identidade linguística brasileira.

e) Entender como se dão as relações de prestígio e poder de uma variante em detrimento de outras.

A relevância deste estudo se encontra na compreensão dos processos de formação e transformação linguística que ocorrem em contextos de intenso contato entre diferentes dialetos. Além disso, contribui para a valorização da diversidade linguística brasileira e para o entendimento das dinâmicas socioculturais que moldam os falares regionais.

Do ponto de vista teórico, este trabalho se insere na interface entre a Sociolinguística histórica e a Linguística Variacionista, áreas que, segundo Mollica e Braga (2003, p. 9), "têm contribuído significativamente para o entendimento da heterogeneidade linguística e sua relação com fatores sociais".

Do ponto de vista prático, os resultados desta pesquisa podem fornecer subsídios para políticas linguísticas e educacionais mais inclusivas e respeitosas em relação à diversidade linguística. Como argumenta Bortoni-Ricardo (2005, p. 25): "O reconhecimento e a valorização das variedades linguísticas são fundamentais para uma educação linguística democrática e para o combate ao preconceito linguístico."

Nesse sentido, compreender as influências do dialeto nordestino no falar brasiliense não é apenas um exercício acadêmico, mas uma forma de reconhecer e valorizar a contribuição nordestina na formação da identidade cultural e linguística da capital federal.

1.1 Contextualização histórica da formação de Brasília

A história de Brasília se inicia no final do século XIX, quando a ideia de transferir a capital do Brasil para o interior do país começou a ganhar força. No entanto, foi apenas na década de 1950, durante o governo de Juscelino Kubitschek, que o projeto de construção da nova capital federal se concretizou.

Em 21 de abril de 1960, Brasília foi inaugurada, marcando um novo capítulo na história do Brasil. A construção da cidade atraiu trabalhadores de todas as regiões do país, mas especialmente do Nordeste. Segundo Vasconcelos (2007, p. 45):

O fluxo migratório para Brasília foi intenso e diversificado, mas os nordestinos constituíram o maior contingente populacional. Estima-se que cerca de 60% dos trabalhadores que participaram da construção da capital eram oriundos da região Nordeste.

Especialmente de estados como: Bahia, Maranhão, Piauí e Pernambuco, região da qual saiu um número expressivo de pessoas que ao chegarem aqui foram nomeados

“candangos”. Não por acaso, hoje, em Brasília, há vários centros nordestinos que fazem questão de não deixar que esse legado de tanto trabalho se perca na história, como exemplo, pode-se citar a Casa do Cantador, na região administrativa de Ceilândia, um espaço que recebe artistas de todas as partes do nordeste e que faz esse trabalho de fomentar as riquezas dessa cultura aqui no Distrito Federal. A história dessas pessoas é de muita luta e superação, trabalharam arduamente para construir um projeto que visava formar uma cidade que seria um símbolo de progresso e modernidade. Ester, uma jovem de 29 anos, relatou que sua família quase inteira veio em busca de emprego nos primórdios de Brasília.

[...] Vieram porque como aqui estava começando ainda, tinha mais oportunidade de emprego, aí veio quase todo mundo da minha família junto, meus avós, meus pais, e três dos meus tios, ficou só dois tios meus lá, um deles veio depois de um tempo o outro ainda mora lá. (Ester, 29 anos - vd. ap. 35)

Apesar dos desafios, o fluxo migratório para Brasília foi fundamental para o desenvolvimento da cidade. A construção de Brasília foi um projeto ambicioso que exigiu a mão de obra de milhares de pessoas. Um dos desafios deste fluxo migratório para Brasília foi que os trabalhadores tiveram de enfrentar condições adversas e sem direitos trabalhistas, muitos deles viviam em acampamentos precários, sem acesso a serviços básicos como água, esgoto e saúde. Além disso, a cidade cresceu rapidamente, o que gerou problemas de infraestrutura e habitação.

A forte presença de traços linguísticos nordestinos na variedade brasiliense está intrinsecamente ligada à história da construção e povoamento da Capital Federal. Segundo dados do IBGE (2020), cerca de 23% da população de Brasília é composta por migrantes nordestinos ou seus descendentes. Silva (2018, p. 112) observa:

A construção de Brasília atraiu um grande contingente de trabalhadores nordestinos, que trouxeram consigo não apenas sua força de trabalho, mas também sua cultura e seu modo de falar. Esse encontro de variedades linguísticas em um espaço urbano novo e em formação criou condições singulares para o desenvolvimento do dialeto brasiliense.

Esse intenso movimento migratório criou um cenário diferente do que se vê em outros estados brasileiros, que fez com que o desenvolvimento linguístico da nova capital fosse construído por vários falares simultaneamente. O encontro de diversas variantes do português brasileiro em um espaço urbano recém-criado propiciou insumos para a formação de um novo dialeto.

2.PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A Sociolinguística Variacionista, ramo da Linguística que estuda as relações entre língua e sociedade, fornece o arcabouço teórico fundamental para a compreensão dos fenômenos de variação e mudança linguística, para isso, dispõe de uma abordagem teórico-metodológica que busca estudar a relação entre a linguagem e a sociedade, com foco na variação linguística. Essa abordagem surgiu nos anos 1960, como uma resposta às teorias linguísticas tradicionais que consideravam a linguagem como um sistema homogêneo e imutável. A sociolinguística variacionista se baseia na ideia de que a linguagem é uma construção social e que sua variação é um reflexo das diferenças sociais e culturais entre os falantes, e se refere às distinções da forma como as pessoas falam em diferentes contextos sociais. Essa variação pode ser observada em diferentes níveis, como o fonológico, o morfológico, o sintático e o lexical. Outro conceito importante é o de "marcação linguística" (BASIL BERNSTEIN, 1971), que se refere ao processo pelo qual as pessoas usam a linguagem para se identificar com um grupo social ou para se distinguir de outros grupos. A marcação linguística pode ser observada em diferentes contextos, como no uso de dialetos, no emprego de termos específicos ou no uso de certas estruturas sintáticas. Além de se preocupar em estudar a forma como a linguagem é usada para exercer poder e controle social, investigando a forma como a linguagem é usada em diferentes contextos sociais, como em situações de autoridade ou em interações entre pessoas de diferentes status sociais.

Um dos principais fatores que contribuem para a variação linguística no Brasil é a influência das línguas indígenas e africanas. Durante o período colonial, o português foi trazido para o Brasil pelos colonizadores, mas ele foi influenciado pelas línguas faladas pelos povos indígenas e africanos que foram aqui escravizados. Essa influência pode ser observada aqui, na forma como o português é falado em diferentes regiões do Brasil. Por exemplo, no Nordeste, o português é influenciado pela língua tupi, que era falada pelos povos indígenas da região. Já no Sul, o português é influenciado pela língua alemã, que foi trazida para a região por imigrantes alemães (LUCCHESI, 2001).

A sociolinguística variacionista tem sido influenciada por diferentes teorias e abordagens, como a teoria da variação linguística de William Labov, a teoria da marcação linguística de Basil Bernstein e a teoria da hierarquia linguística de Pierre Bourdieu. Nesse contexto, os estudos sobre os diferentes falares brasileiros e o contato linguístico ganham especial relevância.

2.1 A perspectiva dos linguistas:

Labov (2008), um dos pioneiros da Sociolinguística, argumenta que a variação linguística não é aleatória, mas sim condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Segundo o autor: "Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística fora da vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo." (LABOV, 2008, p. 21)

Essa perspectiva é de extrema importância para o estudo das influências da variedade nordestina na variedade brasiliense e seus arredores, considerando o contexto social e histórico da formação de Brasília.

Outro conceito importante para este estudo é o de "comunidade de fala", proposto por Gumperz (1968). Segundo o autor, uma comunidade de fala é um grupo de falantes que compartilham um conjunto de normas e atitudes linguísticas. No caso de Brasília, podemos considerar a formação de uma nova comunidade de fala, resultante do encontro de diferentes variedades linguísticas.

No que diz respeito ao contato entre dialetos, Trudgill (1986) desenvolveu o conceito de "acomodação dialetal", que se refere ao processo pelo qual os falantes ajustam sua fala para se aproximar ou se distanciar de seus interlocutores. O autor argumenta que (TRUDGILL, 1986, p. 39): "Em situações de contato dialetal intenso, como as que ocorrem em processos migratórios, a acomodação pode levar à formação de novas variedades linguísticas, que incorporam características dos dialetos em contato." Esse conceito é relevante para entender como os traços da variedade nordestina foram incorporados ao falar brasiliense.

No contexto brasileiro, Bortoni-Ricardo (2011) desenvolveu estudos pioneiros sobre a formação do português brasiliense. A autora propõe um modelo de análise que considera três contextos: rural-urbano, oralidade-letramento e monitoração estilística. Segundo (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 45):

O português falado em Brasília apresenta características únicas, resultantes da mistura de traços linguísticos trazidos por migrantes de diferentes regiões, com destaque para a influência nordestina. Essa variedade se posiciona de maneira particular nos três contextos propostos, refletindo a complexidade do contexto sociolinguístico da capital federal.

2.2 A perspectiva dos gramáticos:

Embora a abordagem dos gramáticos tradicionais se incline a priorizar a norma-padrão da língua, alguns autores têm reconhecido a importância de considerar as variedades regionais em seus estudos. Cunha e Cintra (2008), em sua "Nova Gramática do Português Contemporâneo", dedicam um capítulo às variedades do português, incluindo os dialetos brasileiros.

Os autores em questão afirmam que:

O português do Brasil não é um bloco uniforme, mas um mosaico de variedades regionais, cada uma com suas peculiaridades fonéticas, morfológicas, sintáticas e lexicais. Essas variedades, longe de serem 'erros' ou 'desvios', são manifestações legítimas da língua, que refletem a diversidade cultural e histórica do país." (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 23)

Essa visão mais abrangente da língua abre espaço para o reconhecimento e estudo das influências entre variantes linguísticas, como é o caso da nordestina e da brasiliense.

Bechara (2009), em sua "Moderna Gramática Portuguesa", também aborda a questão da variação linguística, reconhecendo que:

A língua é um fato social e, como tal, está sujeita a variações determinadas por fatores geográficos, históricos e socioculturais. O gramático não pode ignorar essa realidade, mas deve buscar compreendê-la e descrevê-la de forma objetiva." (BECHARA, 2009, p. 37).

O autor destaca a importância de se considerar essas variações no estudo e no ensino da língua portuguesa.

2.3 Teorias de contato linguístico

Para compreender as influências do português nordestino no brasiliense, é fundamental considerar as teorias de contato linguístico. Weinreich (1953), em seu trabalho seminal "Languages in Contact", estabeleceu as bases para o estudo sistemático dos fenômenos de contato linguístico. O autor argumenta que: "O contato linguístico ocorre sempre que duas ou mais variedades linguísticas são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. Os indivíduos que usam as línguas são, portanto, o locus do contato." (WEINREICH, 1953, p. 1) No caso de Brasília, o contato não se dá entre línguas diferentes, mas entre variedades de uma mesma língua. No entanto, os princípios teóricos propostos por Weinreich são igualmente aplicáveis, mesmo com objetos de estudos diferentes. No caso do

contato entre variedades linguísticas em Brasília pode-se dizer que é um braço do macro fenômeno apresentado por Weinreich.

Thomason e Kaufman (1988) expandiram essa perspectiva, propondo um modelo que considera tanto fatores linguísticos quanto sociais na análise do contato linguístico. Os autores argumentam que: (THOMASON; KAUFMAN, 1988, p. 35).

O resultado linguístico do contato de línguas não pode ser previsto apenas com base em fatores linguísticos. Fatores sociais, como a intensidade do contato, as atitudes dos falantes e as relações de poder entre os grupos, são cruciais para determinar o resultado do contato.

Essa abordagem em questão tem bastantes fundamentos que nos auxiliam no estudo da influência nordestina nos primeiros anos de Brasília, considerando o contexto social e histórico, cultural e econômico da formação da cidade.

2.4 Variação e mudança linguística

A compreensão dos processos de variação e mudança linguística é fundamental para este estudo. Weinreich, Labov e Herzog (2006) propõem cinco problemas que devem ser considerados no estudo da mudança linguística:

- O problema das restrições: quais são os fatores que condicionam ou restringem a mudança?
- O problema da transição: como a língua passa de um estágio a outro?
- O problema do encaixamento: como a mudança se encaixa no sistema linguístico e social?
- O problema da avaliação: como os falantes avaliam a mudança em curso?
- O problema da implementação: por que a mudança ocorre em um momento e lugar específicos?

Esses problemas fornecem um quadro teórico valioso que nos levam a entender como se deu o processo que fez com que o falar nordestino tivesse direta influência em como os brasilienses falam, e se comportam linguisticamente. Por exemplo, ao considerar o problema da avaliação, podemos investigar como os falantes brasilienses se auto percebem e avaliam seus próprios traços linguísticos oriundos dos estados do nordeste.

2.5 Estudos prévios de dialetos regionais no Brasil

O estudo das variantes regionais no Brasil tem uma longa tradição. Nascentes (1953) propôs uma das primeiras divisões dialetais do português brasileiro, identificando dois grandes grupos: os falares do Norte e os falares do Sul. Embora essa divisão tenha sido posteriormente refinada e questionada, ela estabeleceu as bases para os estudos variacionistas no país.

Mais recentemente, o projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), coordenado por Cardoso (2014), tem fornecido um panorama detalhado da variação linguística no território brasileiro. Segundo a autora: "O ALiB não apenas mapeia as variantes linguísticas, mas também busca correlacioná-las com fatores sociais, históricos e culturais, oferecendo uma visão abrangente da realidade linguística brasileira." (CARDOSO, 2014, p. 17)

No que diz respeito especificamente ao dialeto brasiliense, os trabalhos de Bortoni-Ricardo (1985, 2011) são referências fundamentais. A autora tem estudado a formação e as características do falar de Brasília desde a década de 1980, observando como o contato entre diferentes variedades dialetais contribuiu para a formação de um português único que é encontrado em Brasília e região, português este que sofreu uma junção tão homogênea de falares de todo o Brasil, que hoje, assume uma identidade que tem sim traços de seus primeiros povoadores, mas ao mesmo tempo assume suas próprias características.

Hanna (1986) também realizou um estudo pioneiro sobre o dialeto brasiliense, focando nas atitudes linguísticas dos falantes. A autora (HANNA, 1986, p. 112) observou que:

Os brasilienses, especialmente os mais jovens, tendem a valorizar positivamente os traços linguísticos que consideram característicos de sua cidade, incluindo aqueles de origem nordestina que foram incorporados ao dialeto local.

Esses estudos prévios fornecem uma base sólida para a presente pesquisa, permitindo uma compreensão de como o Brasiliense entende essa relação direta com o nordeste, e se isso é motivo de orgulho ou se de alguma forma é incômodo carregar a ancestralidade nordestina que está para além da língua, mas que se vê em todos os aspectos do cotidiano do Planalto Central. Se tomarmos como base as afirmações supracitadas de Hanna (1986), vemos que, na perspectiva dos moradores da capital, esses legado dos pioneiros nordestinos é motivo de orgulho, até porque, entende-se que a maioria dos brasilienses natos, são filhos e netos desses primeiros trabalhadores, logo, existe essa apreciação pela cultura que está intrínseca na maioria das famílias que hoje vivem aqui.

3. PROCESSOS METODOLÓGICOS

A metodologia tem sido considerada um conjunto de métodos e técnicas utilizados para construção do conhecimento por meio de pesquisa (SILVA & SILVEIRA, 2007). Este estudo adota uma abordagem qualitativa com elementos quantitativos, buscando uma compreensão aprofundada das influências da variedade nordestina em Brasília. A escolha dessa abordagem se justifica pela natureza complexa do fenômeno linguístico em questão, que demanda uma análise contextualizada e interpretativa dos dados. Segundo Denzin e Lincoln (2011, p. 3):

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais.

A abordagem quantitativa envolve a coleta e análise de dados numéricos, enquanto a abordagem qualitativa envolve a coleta e análise de dados não numéricos, como transcrições de conversas ou entrevistas. Um dos principais procedimentos utilizados na sociolinguística variacionista é a coleta de dados através de entrevistas ou conversas informais. Outro procedimento importante é a utilização de questionários ou testes para coletar dados sobre a linguagem e o comportamento linguístico dos informantes. Esses dados são, então, analisados estatisticamente para identificar padrões de variação linguística.

Nesse sentido, buscamos não apenas identificar e quantificar os dados, mas também compreender os significados sociais e culturais associados a essas influências.

3.1 Coleta de dados

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados os seguintes métodos de coleta de dados:

- a) Entrevistas semiestruturadas:** Foram realizadas 50 entrevistas com moradores de Brasília, divididos em dois grupos:
- 25 migrantes nordestinos (12 homens e 13 mulheres)
 - 25 filhos de migrantes nordestinos (10 homens e 15 mulheres)

Para as entrevistas semiestruturadas, foi desenvolvido um roteiro com 15 perguntas, divididas em três seções: **1)** Dados sociodemográficos; **2)** Percepções sobre a identidade linguística de Brasília; **3)** Uso e atitudes em relação a traços linguísticos específicos. As entrevistas abordaram temas do cotidiano e questões específicas. Cada entrevista teve duração média de 15 minutos.

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	
1	Você é nascido em Brasília ou em algum estado do Nordeste?
2	Se nordestino, veio para Brasília com qual idade e em que ano?
3	Você e sua família vieram para Brasília em qual circunstância, em busca de quê?
4	Se Brasiliense, você já foi ao nordeste ou já morou lá durante algum período?
5	Para você e seus pais, quais vantagens e ou desvantagens de sair da sua cidade natal para construir a vida em Brasília?
6	Você considera que seu dialeto tem mais características brasilienses ou nordestinas?
7	Você já se sentiu constrangido em algum local/situação por ter traços linguísticos típicos do nordeste?
8	Como você se sente em relação a esse legado linguístico aqui em Brasília?
9	Você acha importante conservar as raízes nordestinas mesmo residindo em Brasília, ou acredita na máxima: “lugar novo, novos hábitos e costumes”?
10	Em uma escala de 0 a 10, quanto do nordeste você acredita ter em sua identidade linguística e de seus familiares?
11	Como você chama este alimento: 
12	Para alguém que está atrasado para um compromisso, comumente você diria que ele está: a) apressado b) avexado c) agoniado

13	Em seu cotidiano, você acredita usar com mais frequência o pronome “tu” ou “você”?
14	Quando algum objeto tem uma avaria, você diz que ele está: a) estragado b) esculhambado c) desmantelado
15	Formule uma frase que você usaria normalmente, e que você acredita conter traços da influência nordestina.

b) Observação ativa: Foram realizadas observações em espaços públicos de Brasília, como feiras, praças e eventos culturais, registrando interações linguísticas espontâneas. Essas observações foram anotadas e/ou gravadas e posteriormente documentadas.

Para a observação ativa, foi utilizada uma grade de observação que incluía os seguintes aspectos: **1)** Contexto da interação; **2)** Características dos falantes (idade aproximada, gênero, origem aparente); **3)** Traços linguísticos observados (fonéticos, morfossintáticos e lexicais); **4)** Reações dos interlocutores a traços linguísticos específicos.

c) Análise de material audiovisual: Foram analisados alguns programas de rádio e televisão locais, bem como vídeos de redes sociais produzidos por brasilienses, buscando identificar traços linguísticos característicos.

3.2 Perfil dos participantes

Os 50 participantes das entrevistas semiestruturadas tinham entre 18 e 65 anos, com uma média de idade de 30 anos e todos eles residiam em Brasília há pelo menos 5 anos no momento da coleta de dados e foram informados sobre o objetivo da pesquisa. Os nomes dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos para garantir o anonimato.

A distribuição por faixa etária foi a seguinte:

- 18-30 anos: 18 participantes
- 31-50 anos: 22 participantes
- 51 anos ou mais: 10 participantes

Em termos de escolaridade e letramento formal, foram constatados os seguintes números:

- Ensino Fundamental: 8 participantes
- Ensino Médio: 31 participantes
- Ensino Superior: 11 participantes

4. ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados coletados foi realizada em três etapas que se iniciou na categorização dos dados, que foram, então, separados de acordo com os níveis linguísticos: fonético-fonológico, morfossintático e lexical e foram individualizados conforme faixa etária e escolarização dos participantes. Posteriormente, trabalhamos na análise quantitativa em que foram contabilizadas as ocorrências de traços linguísticos específicos, permitindo uma visão geral das influências mais significativas. Para esta análise, foi utilizado o software SPSS para o processamento estatístico. E, por último, realizamos a análise qualitativa na qual nos debruçamos em um viés mais interpretativo dos dados, buscando identificar padrões e tendências nas falas e dentro desta análise levou-se em consideração o contexto social e histórico das interações linguísticas observadas.

4.1 Influências no nível fonético-fonológico

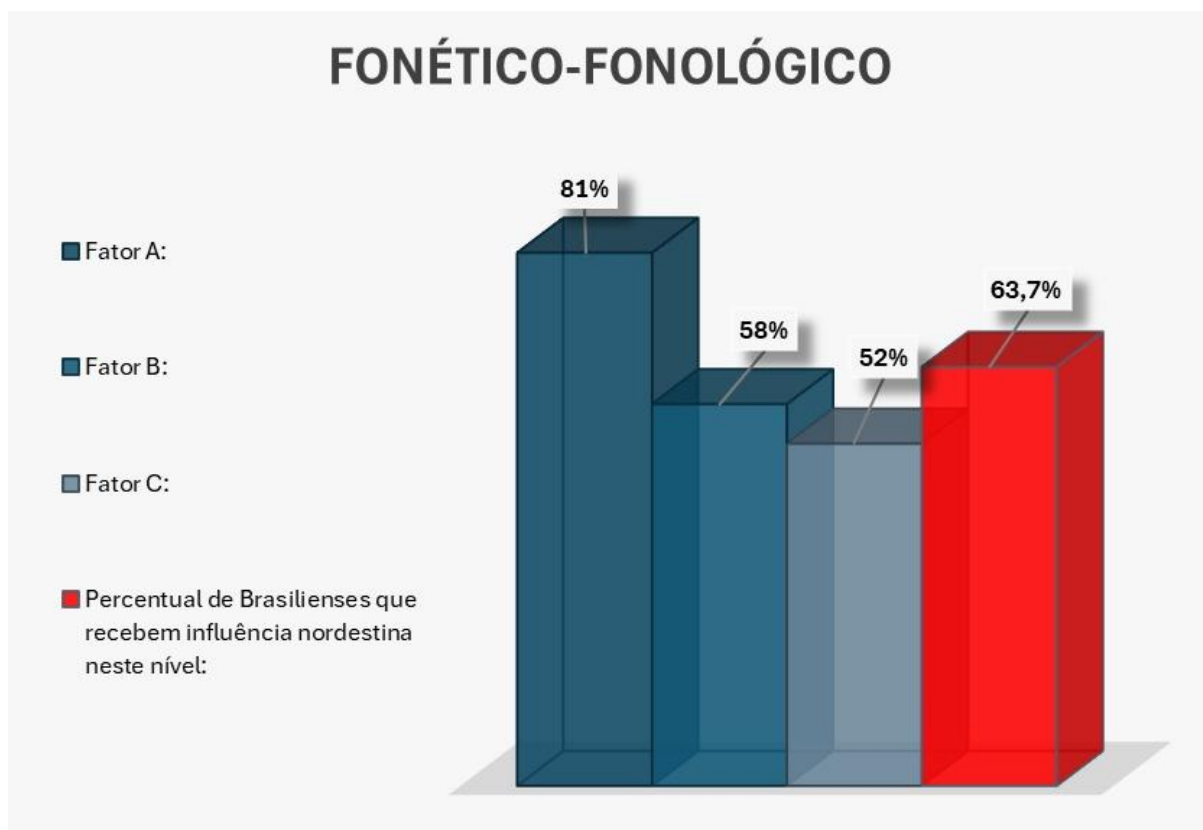
A análise dos dados coletados revelou influências significativas da variedade nordestina na fonética e fonologia da variedade brasiliense. Entre os fenômenos mais recorrentes, destacam-se:

a) Redução dos ditongos [ej] e [ow]: A monotongação dos ditongos, como em "peixe" (peixe) e "poco" (pouco), foi observada em 81% dos falantes brasilienses entrevistados. Embora esse fenômeno não seja exclusivo do Nordeste, sua alta frequência no dialeto brasiliense pode ser atribuída, em parte, à influência nordestina.

b) Realização da consoante [ʎ] como [j]: Este fenômeno, conhecido como *iotização*, foi observado em 52% dos participantes. Por exemplo, "mulher" pronunciado como [mu'jɛr] e "trabalho" como [tra'baju]. A *iotização* do [ʎ] é um traço característico de muitas variedades nordestinas, especialmente nas áreas rurais e entre falantes menos escolarizados.

c) Abertura das vogais pretônicas [e] e [o]: A pronúncia mais aberta das vogais pretônicas, como em "m[ɛ]nino" e "c[o]légio", foi registrada em 58% dos participantes brasilienses. Esse traço, comum em diversos falares nordestinos, parece ter sido inserido parcialmente ao dialeto brasiliense. Durante as observações de campo, notou-se que esse fenômeno era particularmente frequente em contextos informais e familiares. Por exemplo, "Vamos marcar um f[o]rró no próximo fim de semana?"

Uma média ponderada dos percentuais acima mencionados por este estudo mostram os seguintes números:



Fonte: Elaborado pela autora

Durante as observações de campo, notou-se que esse fenômeno era mais comum entre falantes mais velhos e em contextos informais. Por exemplo, em uma feira livre, ouviu-se um vendedor dizer: "Leva essa melancia, minha fia ['fija], tá doce que só!". A frequência e a distribuição desses fenômenos fonético-fonológicos variam de acordo com fatores sociais como idade, escolaridade e contexto de fala.

4.2 Influências no nível morfossintático

No âmbito da morfossintaxe, foram identificadas algumas estruturas que sugerem influência do dialeto nordestino:

a) Colocação pronominal: Foi observada uma tendência à próclise em contextos onde a norma-padrão prescreve a ênclise, como em "Me diz uma coisa" em vez de "Diga-me uma coisa". Essa característica, presente em 96% dos falantes brasileiros entrevistados, é comum no português brasileiro coloquial. Castilho (2010, p. 483) em seus estudos diz: "A generalização da próclise é um fenômeno em expansão no português brasileiro". Durante uma transmissão de rádio local, um apresentador brasileiro disse: "Me conta aí, ouvinte, o que você achou da nova música do Zé Neto e Cristiano?"

b) Uso de "ter" com sentido existencial: O uso do verbo "ter" em lugar de "haver" com sentido existencial também é visto em uma parcela significativa da população de Brasília. Foi observado em 89% dos participantes brasilienses. Por exemplo: "Tem muita gente na fila" em vez de "Há muita gente na fila". O uso de 'ter' existencial é um fenômeno amplamente difundido no português brasileiro, a presença marcante desse uso em Brasília pode ser atribuída, também, à influência nordestina. Esse evento linguístico foi frequentemente notado em diversos contextos da oralidade candanga.

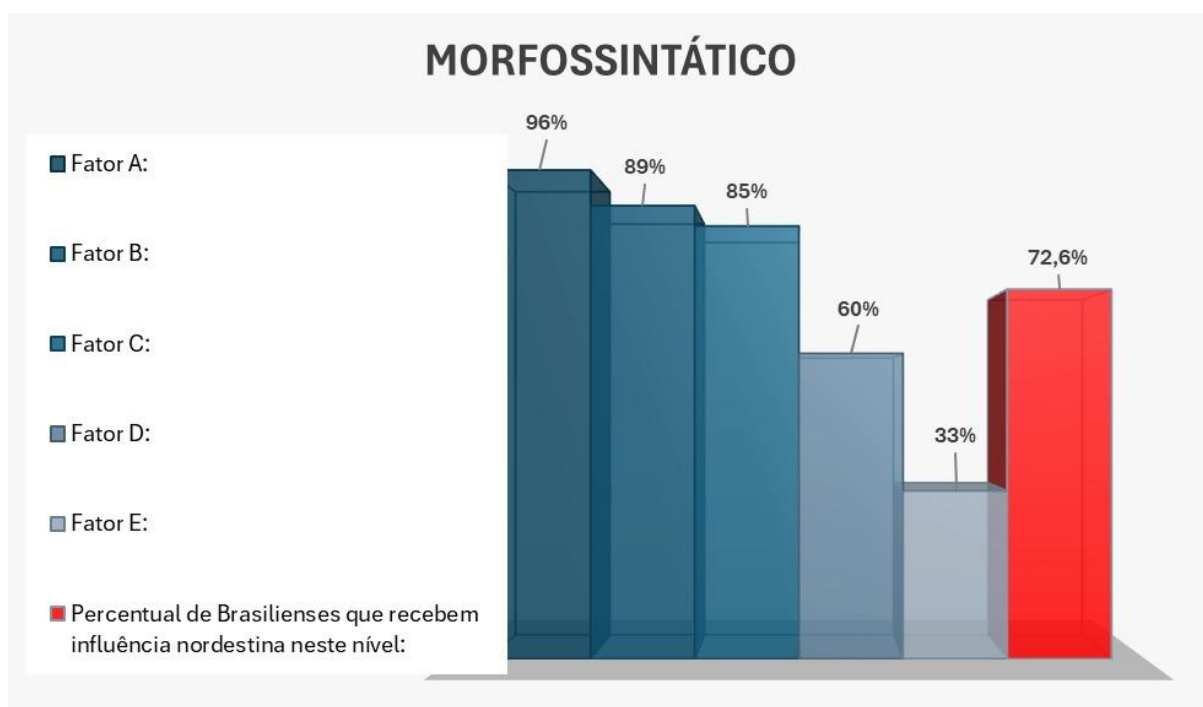
c) Uso do gerúndio em construções perifrásticas: Foi notada uma preferência pelo uso do gerúndio em construções como "está fazendo" em detrimento de "estar a fazer", presente em 85% dos entrevistados. Embora essa seja uma tendência geral do português brasileiro, a influência nordestina parece ter reforçado esse uso em Brasília. Segundo Bagno (2012, p. 207): "O uso do gerúndio em perífrases verbais é categórico no português brasileiro contemporâneo". Esse fenômeno é comumente ouvido na Capital, um exemplo: "A cidade tá crescendo muito rápido, tá ficando difícil acompanhar todas as mudanças."

d) Dupla negação: A ocorrência de dupla negação, como em "Não quero não", foi observada em um percentual considerável dos entrevistados, 60% deles fazem esse uso frequentemente. Um exemplo ilustrativo foi registrado durante uma conversa informal em um ponto de ônibus: "Não, esse ônibus não passa aqui não. Tem que pegar lá na outra parada."

e) Uso do pronome "tu" com concordância na terceira pessoa: Embora o uso do "tu" não seja predominante em Brasília, foi observado em 33% dos entrevistados, geralmente sem a concordância verbal padrão (ex: "tu vai" em vez de "tu vais"). Esse uso é comum em algumas regiões do Nordeste. Scherre et al. (2015, p. 133) notam que: O uso do 'tu' sem concordância verbal, tem se expandido inclusive para contextos urbanos onde tradicionalmente predominam o 'você'.

Essas influências morfossintáticas demonstram como o contato linguístico intenso pode levar à inserção de estruturas gramaticais de uma variedade em outra. É pertinente notar que essas características não são exclusivas do dialeto nordestino nem tampouco brasiliense, mas sua presença significativa em Brasília pode ser, em grande parte, devido ao legado dos migrantes nordestinos e seus descendentes.

Uma média ponderada dos percentuais acima mencionados por este estudo mostram os seguintes números:



Fonte: Elaborado pela autora

4.3 Influências no nível lexical

A análise do léxico revelou mais uma vez registros de termos e expressões de origem nordestina ao vocabulário de Brasília:

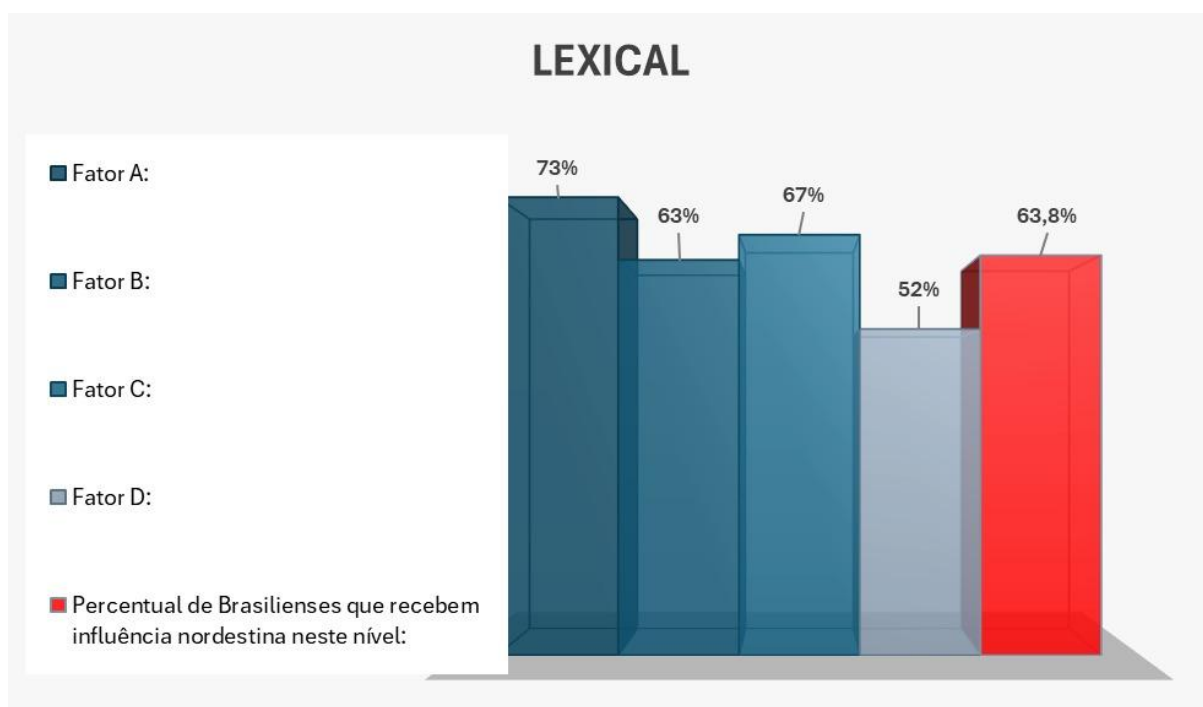
a) Termos relacionados à alimentação: Palavras como "macaxeira" (mandioca) e "beiju" (tapioca) foram registradas no uso cotidiano de 73% dos entrevistados.

b) Expressões idiomáticas: Foram identificadas expressões típicas do Nordeste no falar brasiliense, como "dar um carão" (repreender), "ficar de butuca" (ficar atento) e "estar liso" (estar sem dinheiro), usadas por 63% dos participantes.

c) Interjeições e marcadores orais: O uso de interjeições como "oxe" e "eita" foi observado em 67% dos entrevistados. Para a maioria, essas são algumas das expressões mais usadas em seu dia-a-dia.

d) Gírias e expressões coloquiais: Termos como "arretado" (zangado), "cagueta" (delator) e "avexado" (apressado) foram observados no vocabulário de 52% dos entrevistados.

Uma média ponderada dos percentuais acima mencionados por este estudo mostram os seguintes números:



Fonte: Elaborado pelo autora

É importante mencionar que o uso desses elementos lexicais não é uniforme em toda a população brasiliense. Isquierdo (2006, p. 71) destaca que: "O léxico é o nível linguístico que mais rapidamente reflete o contato entre diferentes variedades dialetais, funcionando como um termômetro das influências culturais e linguísticas." Por isso, é costumeiro reconhecermos a origem de alguém através de suas escolhas vocabulares.

4.4 Fatores Sociais e Históricos

Depois de analisarmos as questões quantitativas, faz-se necessário fazer, também, ponderações qualitativas acerca de tudo que foi exposto. Aqui, discorreremos sobre as percepções de alguns dos entrevistados, com um olhar mais qualitativo que considera, para além de números, as vivências e trajetórias de famílias neste entrelaçamento linguístico e cultural entre nordeste e Brasília.

As entrevistas realizadas com moradores mais antigos da cidade corroboram essa perspectiva que aqui está em discussão. Dona Francisca, 60 anos, moradora de Brasília desde 1970, relata: "Quando cheguei aqui, era tudo misturado. Tinha gente de todo canto, mas os nordestinos eram maioria. A gente foi aprendendo a falar uns com os outros, misturando os jeitos de falar." (vd. ap. 7). Essa "mistura" mencionada por Dona Francisca é um exemplo claro do processo de acomodação linguística descrito por Giles et al. (1991), no qual falantes

de diferentes variedades ajustam sua fala em situações de contato prolongado, para que a comunicação se torne mais fluida e menos ruidosa.

Um aspecto fundamental revelado através da pesquisa foi a atitude geralmente positiva dos brasilienses em relação aos traços linguísticos de origem nordestina. Houve unanimidade entre os entrevistados nascidos em Brasília com relação ao que eles entendem a respeito da construção identitária do Distrito Federal, 100% deles reconhecem o mérito da bagagem linguística nordestina como parte essencial do que hoje é composto o repertório brasiliense.

João, 25 anos, nascido e criado em Brasília, comentou: "Pra mim, falar 'oxe' ou chamar tapioca de beiju é normal. É parte do que somos, parte do que aprendi com meus pais e avós, que são do Maranhão" (vd. ap. 8).

A pesquisa também identificou alguns casos de estigmatização, principalmente em relação a traços fonéticos mais marcados. Alguns dos entrevistados expressaram que sentem desconforto em relação a certas pronúncias consideradas "muito nordestinas". Carla, 43 anos, funcionária pública, comentou: "Eu acho bonito o sotaque nordestino, mas tem gente que exagera, sabe? Às vezes parece que força pra parecer mais nordestino do que é." (vd. ap. 33). Essas atitudes ambivalentes refletem a complexidade do trabalho, visto que parte da proposta é entender como o morador da Capital de hoje enxerga suas raízes e influências.

A análise dos dados revelou algumas diferenças interessantes entre as gerações de falantes. Enquanto os traços lexicais e algumas características fonéticas parecem se manter estáveis ao longo das gerações, outras características mostram sinais de mudança. Por exemplo, a palatalização das oclusivas dentais [t] e [d] diante de [i] é mais frequente entre os falantes mais jovens (80% dos entrevistados entre 18 e 40 anos) do que entre os mais velhos. Isso pode indicar uma mudança em progresso, com a cristalização dessa variante.

Por outro lado, certos itens lexicais de origem nordestina parecem estar perdendo espaço entre os mais jovens. Termos como "aperrear" (apressar ou incomodar) e "arrodear" (dar a volta), comuns entre os falantes mais idosos, foram menos vistos no vocabulário dos entrevistados mais jovens.

Carlos, 58 anos, aposentado, comentou: "Os meninos de hoje falam diferente da gente. Tem coisa que a gente falava e eles nem entendem mais. Mas também tem palavra nova que eles usam que eu fico boiando." (vd. ap. 1).

Essas observações estão alinhadas com o que afirma Weinreich et al. (2006, p. 188):

A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente à fala. A mudança linguística começa

quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.

4.5 O papel da mídia na difusão de um novo dialeto

Um aspecto interessante observado durante esta pesquisa foi o papel que a mídia local exerce na difusão, popularização e legitimação de traços linguísticos oriundos do nordeste. A análise de programas de televisão locais e redes sociais de influenciadores digitais da Capital revelou que muitos apresentadores e blogueiros assumem elementos da variedade nordestina em sua fala, contribuindo para a normalização desses traços no falar brasiliense. Por exemplo, em um programa de televisão, o repórter frequentemente usava expressões típicas do falar nordestino enquanto entrevistava pessoas na Rodoviária do Plano Piloto. Além disso, a análise de conteúdo gerado por influenciadores digitais mostrou uma tendência ao uso de gírias e expressões nordestinas, na maioria das vezes em tom humorístico, esses conteúdos são consumidos especialmente pelo público mais jovem.

Gabriel, 22 anos, estudante universitário e criador de conteúdo digital, comentou: "Eu uso muito 'ave maria', 'eita' e 'oxente' nos meus vídeos. É engraçado porque tem seguidor de fora que acha que eu sou nordestino, mas na verdade sou brasiliense mesmo. É o nosso jeitinho de falar." (vd. ap. 14).

4.6 Alcance do estudo

É importante reconhecer algumas limitações deste estudo que tem uma amostra limitada e embora tenhamos buscado uma quantidade diversificada de entrevistas, ela não pode ser considerada estatisticamente representativa de toda a população de Brasília. Além disso, há também, subjetividade na observação ativa que apesar dos esforços para manter a centralidade da pesquisa, a observação está sujeita a vieses pessoais da pesquisadora. Outro aspecto acerca do alcance deste estudo é o auto-monitoramento por parte dos entrevistados em decorrência da presença da pesquisadora, fator que pode ter influenciado o comportamento linguístico dos participantes, especialmente durante as entrevistas. Ademais, o estudo concentrou-se em sua totalidade nas áreas urbanas de Brasília, não abrangendo de forma extensiva as regiões administrativas mais periféricas e rurais.

5. IMPLICAÇÕES DESTE ESTUDO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM BRASÍLIA

Com base nos resultados desta pesquisa, podemos propor algumas considerações e recomendações para o ensino de língua portuguesa aqui em Brasília. É fundamental que os educadores em Brasília reconheçam e valorizem a diversidade linguística presente na fala de seus alunos. Isso implica aprimorar suas práticas pedagógicas com alguns enfoques como:

- a) Abordar explicitamente as variações dialetais em sala de aula, explicando sua origem histórica e social;
- b) Evitar estigmatizar traços linguísticos associados ao dialeto nordestino ou a qualquer outra variedade regional;
- c) Promover discussões sobre identidade linguística e cultural, incentivando os alunos a refletir sobre suas próprias práticas linguísticas.

Os professores devem trabalhar para desenvolver a competência sociolinguística dos alunos, ou seja, a capacidade de adequar a fala a diferentes contextos sociais. Isso pode ser feito através de:

- a) Atividades que explorem diferentes registros linguísticos, do mais formal ao mais coloquial;
- b) Análise de textos orais e escritos que exemplifiquem a variação linguística em Brasília.
- c) Exercícios de produção textual que requeiram a adaptação do estilo linguístico a diferentes situações comunicativas.

O ensino da norma-padrão deve ser feito de forma crítica e contextualizada, considerando:

- a) A explicação das diferenças entre a norma-padrão e as variedades faladas, incluindo o dialeto brasiliense;
- b) A discussão sobre os contextos em que o uso da norma-padrão é esperado ou necessário;
- c) A análise de como as escolhas linguísticas podem afetar a recepção da mensagem em diferentes contextos sociais.

É essencial que os materiais didáticos utilizados nas escolas de Brasília reflitam a realidade linguística local, uma forma de exercitar essa abordagem é incluir a literatura regional que representa a diversidade linguística do Distrito Federal e entorno.

Investir na formação continuada dos professores de língua portuguesa em Brasília, também pode render resultados positivos nesse sentido. Focando em:

- a) Atualização sobre pesquisas sociolinguísticas recentes;
- b) Desenvolvimento de estratégias pedagógicas para lidar com a variação linguística em sala de aula;
- c) Reflexão sobre as próprias atitudes linguísticas e como elas podem afetar a prática docente.

O professor que se conscientiza das diferenças entre a variedade linguística de seus alunos e a norma-padrão, e que recebe uma formação sociolinguística adequada, pode mais facilmente promover a ampliação da competência comunicativa de seus alunos, sem desmerecer suas variedades de origem. Implementar essas recomendações pode contribuir para um ensino de língua portuguesa mais inclusivo e eficaz em Brasília, que reconheça e valorize a riqueza linguística da capital federal, incluindo as importantes contribuições do nordeste brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados e analisados neste estudo permitem algumas conclusões importantes. Ficou notório que a influência nordestina no dialeto brasiliense é significativa e se manifesta em todos os níveis linguísticos: fonético-fonológico, morfossintático e lexical, e que essa influência é resultado direto do processo histórico de construção e povoamento de Brasília, que atraiu um grande contingente de migrantes nordestinos. As atitudes linguísticas geralmente positivas dos brasilienses em relação aos traços nordestinos contribuem para a manutenção e difusão dessas características no dialeto local.

Foi possível verificar que as evidências de mudanças em curso, com alguns traços que ainda estão em processo de consolidação (como a palatalização das oclusivas dentais) e outros possivelmente se perdendo (como certos itens lexicais)

É importante ressaltar que, embora este trabalho tenha se concentrado nas influências nordestinas, o dialeto brasiliense é resultado de múltiplas influências. Futuros estudos poderiam explorar as contribuições de outras variedades regionais na formação do falar de Brasília. Seria interessante, também, realizar estudos continuados para acompanhar as mudanças no dialeto brasiliense ao longo do tempo, ocasionalmente fazendo um comparativo com outras cidades planejadas do Brasil, isso poderia oferecer uma rica bibliografia acerca dos processos de formação de novas variedades, bem como investigar como as novas tecnologias e mídias sociais estão afetando a difusão e a percepção de língua. Ou até mesmo, uma pesquisa sobre como os atributos da variedade brasiliense são percebidos por falantes de outras regiões do Brasil e fazer este reconhecimento em um panorama linguístico nacional. Algumas implicações teóricas significativas do campo da sociolinguística e da dialetologia que foram observadas e apresentadas neste trabalho:

- a) Formação de novos dialetos urbanos;
- b) Papel da migração na mudança linguística;
- c) Interação entre fatores linguísticos e sociais;
- d) Variação e mudança em tempo aparente;
- e) Papel da mídia na difusão linguística;

Por fim, as descobertas aqui apresentadas abrem caminho para uma série de investigações futuras que podem enriquecer ainda mais nosso entendimento da mutabilidade linguística em contextos urbanos complexos. Como observa Lucchesi (2015, p. 78):

O estudo da variação e mudança linguística nos grandes centros urbanos brasileiros revela não apenas a riqueza e a complexidade de nossa realidade sociolinguística, mas também nos ajuda a compreender melhor os processos que moldam a evolução da língua portuguesa no Brasil.

O caso de Brasília, com sua história única de formação e seu dialeto em constante evolução, continua a ser um campo fértil para pesquisas sociolinguísticas, oferecendo lições valiosas sobre a natureza dinâmica e adaptativa da linguagem humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- LABOV, W. Principles of linguistic change: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M. The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J. TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1986.
- ARAGÃO, M. S. S. Aspectos fonético-fonológicos do falar do Ceará: a questão das variantes. In: HORA, D. (Org.). Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB, 2009. p. 65-84.
- BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- CALVET, L. J. Sociolinguística: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CARDOSO, S. A. M. Geolinguística: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- CASTILHO, A. T. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010.
- TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1986.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- SILVA, F. C. O. A construção de Brasília: uma análise histórica e sociolinguística. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 10, n. 20, p. 102-123, 2018.

NEVES, M. H. M. Gramática de usos do português. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

SCGILES, H.; COUPLAND, J.; COUPLAND, N. Contexts of accommodation: developments in applied sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

HORA, D. Monotongação de ditongos orais decrescentes: fala culta. Revista da ABRALIN, v. 11, n. 1, p. 35-50, 2012.

IBGE. Censo Demográfico 2020: Características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

HERRE, M. M. P. et al. Variação dos pronomes "tu" e "você". In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. (Org.). História, região e identidades. Campo Grande: UFMS, 2006. p. 165-181.

LABOV, W. Principles of linguistic change: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

BERNSTEIN, B. (1971). Class, codes and control. London: Routledge.

LUCCHESI, D. (2001). A variação linguística no Brasil: uma abordagem sociolinguística. São Paulo: Ática.

APÊNDICES

As questões usadas como base para as entrevistas estão registradas, na íntegra, nas páginas 17 e 18 deste estudo.

APÊNDICE 1 - CARLOS, 58 ANOS

1- R: *Eu sou nascido no Maranhão. Eu cresci em uma cidade pequena chamada Dom Pedro, onde todo mundo se conhecia e se ajudava.*

2- R: *Eu vim para Brasília com 18 anos de idade, em 85. Meu pai veio trabalhar aqui como engenheiro e a gente veio junto. Foi um choque, mas eu me adaptei rápido. Eu lembro que, no começo, eu achava que Brasília era uma cidade muito grande e muito confusa, mas com o tempo eu fui me acostumando.*

3- R: *Nós viemos para Brasília em busca de uma vida melhor, com mais oportunidades de trabalho e estudo. Meu pai queria que eu tivesse acesso a uma educação de qualidade e que eu pudesse crescer em um ambiente mais seguro. Além disso, meu pai também queria trabalhar em um lugar onde ele pudesse se desenvolver profissionalmente e ter uma melhor qualidade de vida.*

4- R: *Morei lá 18 anos*

5- R: *5. Para mim a vantagem de sair do Maranhão foi ter mais oportunidades de trabalho e estudo, além de um padrão de vida melhor. A desvantagem foi deixar a família e os amigos para trás, mas eu acho que valeu a pena. Meu pai sempre diz que "o Nordeste é a nossa raiz, mas Brasília é o nosso lar".*

6- R: *Eu considero que meu dialeto tem mais características nordestinas, na verdade nem sei quais são as características brasilienses*

7- R: *Não que eu me lembre, acho que não*

8- R: *Os meninos de hoje falam diferente da gente. Tem coisa que a gente falava e eles nem entendem mais. Mas também tem palavra nova que eles usam que eu fico boiando*

9- R: *Eu me sinto orgulhoso de ser nordestino aqui em Brasília. Eu acho que é importante manter as tradições e a cultura nordestina, principalmente passar pros filhos*

10- R: *Vou falar por mim, porque os meninos eu nem sei se ainda tem sotaque do nordeste, eu colocaria 8*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *b) Avexado*

13- R: *Uso tu porque é mais fácil mesmo.*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Bora mais eu pra missa?”*

APÊNDICE 2 - ANA, 27 ANOS

1 - R: *Eu sou nascida aqui em Brasília mesmo.*

2- R: *Morei a vida toda aqui*

3- R: *Meus pais vieram pra cá muitos novos, minha mãe veio fugida dos meus avós pra casar com meu pai, é uma história muito longa que eu nem sei contar direito porque parece que meu avô até hoje acha que meu pai sequestrou minha mãe, só sei que minha mãe sofria muito lá.*

4- R: *Já fui a passeio, mas não no estado dos meus pais, que é o Piauí, fomos pra Maceió.*

5- R: *Para mim, eu não sei quais as vantagens de morar no nordeste porque eu nunca morei lá, só posso dizer que eu adoro morar em Brasília e não me vejo morando em outro lugar, porque não vejo vantagem maior que morar na Capital Federal [...]*

6- R: *100% Brasiliense, peguei pouquíssimo do sotaque dos meus pais.*

7- R: *Não, mas minha mãe já, ela disse que trabalho num lugar que o povo ficava meio que imitando o jeito dela de falar no tom de piada, hoje a gente acha até graça, mas na época foi paia.*

8- R: *Não sei se estou respondendo direito, mas acho que é importante quem carrega o jeito nordestino de falar não deve mudar só porque mudou de estado. acho sim que é importante você falar do jeito que se sente à vontade sem se importar com o que as pessoas acham ou se elas se desagradam*

9- R: *Acabei respondendo na outra pergunta*

10- R: *Acho que se colocar uma média de mim e da minha família, diria uns 7.*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado ou agoniado eu também uso*

13- R: *Eu nunca parei pra observar, mas acho que uso “tu” com pessoas mais novas e “você” para pessoa mais importantes ou mais velhas.*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *Uma coisa que eu falo muito, que eu sei que vem do nordeste é: “nam mermã”*

APÊNDICE 3 - ANDRÉ, 32 ANOS

1- R: *Sim, sou de Brasília, nasci em Taguatinga*

2- R: *Sempre morei aqui.*

3- R: *Não conheço meu pai, minha mãe veio grávida de mim, ela morava com a madrinha dela na Bahia, e decidiram vir pra cá porque já tinham parentes aqui.*

4- R: *Já fui na Bahia conhecer meus avós maternos já fui e no Ceará a passeio.*

5- R: *5. Para minha mãe foi bom, porque aqui ela conseguiu terminar os estudos dela e virou técnica em enfermagem, acho que se fosse lá na Bahia ela não teria essa oportunidade que teve quando chegou aqui.*

6- R: *Acho que é meio misturado, porque os caras que eu trabalho são tudo do nordeste também, aí a gente acaba pegando a mania também.*

7- R: *Não, e se teve eu nem percebi.*

8- R: *Essa pergunta é um pouco difícil de responder, mas acho que aqui tem tanto nordestino que nem dá pra perceber o que tem do nordeste e o que tem de Brasília no jeito que as pessoas falam.*

9- R: *Sim*

10- R: *Uns 7*

11- R: *Mandioca*

12- R: b) *Agoniado*

13- R: *Uso mais o 'tu'*

14 - R: a) *esculhambado*

15- R: *O clássico da Bahia né, "lá ele"*

APÊNDICE 4 - LUCAS, 27 ANOS

1 - R: *Em Brasília*

2- R: *Só morei aqui mesmo*

3- R: *Meu pai é de Pernambuco, minha mãe é daqui também, dizendo ele que veio de lá só pra passar uns dias na casa da meu tio e acabou não voltando nunca mais.*

4- R: *Só fui na Bahia, passei um carnaval lá em Salvador.*

5- R: *Meu pai nunca gostou de lá, ele disse que a casa que ele morava lá era muito simples e ra na beira da estrada e nem banheiro tinha, por isso que quando ele veio, decidiu ficar logo por aqui*

6- R: *Acho que brasiliense mesmo.*

7- R: *Não,acho que nem tenho traço nenhum do nordeste não.*

8- R: *Acho que ninguém tem que se meter no jeito que o outro fala não, o importante é todo mundo se entender.*

9- R: *Não só as raízes nordestinas, mas não ser cachorrinho de grigo também quando vamos para fora do Brasil, ser orgulhar da língua de fala também. Tem que falar do jeito que sabe falar e pronto. Oxe!*

10- R: *Boto fê que uns 3*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado*

13- R: *Você com quem eu não conheço bem, e 'tu' pra gente mais próxima*

14- R: a) *Estragado*

15- R: *Se orienta, macho!*

APÊNDICE 5 - MARIA, 29 ANOS

1 -R: *Sou nordestina, de Recife, mas fui criada aqui em Brasília*

2- R: *Vim com 3 anos*

3- R: *Meus pais vieram abrir uma igreja aqui, meu pai é pastor e foi enviado pela Convenção Batista pra abrir uma igreja aqui em Samambaia.*

4- R: *Morei lá 3 anos e já fui lá várias vezes também visitar minha família, já fui em outros estados do nordeste também a turismo, fui em Alagoas, na Bahia e na Paraíba.*

5- R: *Não acho que tem desvantagem, eu gosto de morar aqui, gosto da igreja que meus pais fundaram e que fez a gente ser muito feliz aqui.*

6- R: *Com certeza mais nordestinas!*

7- R: *Cara, pra mim é motivo de muito orgulho, amo nosso jeitinho de falar, mesmo morando a vida inteira em Brasília, prefiro meu sotaque Recifense.*

8- R: *É o que eu respondi antes, tenho muito orgulho e espero que meus filhos ainda falem assim como eu os avós.*

9- R: *Sim*

10- R: *Mil! Quem me vê já sabe que eu sou de lá, nem precisa eu dizer*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *b) Avexado*

13- R: *Acho que uso mais o 'tu'*

14 - R: *a) Esculhambado*

15- R: *Falo muito pra os meus meninos "deixa desse fôle e vai banhar ligeiro pra ir pra escola"*

APÊNDICE 6 - MARCOS, 35 ANOS

1 - R: *Sou nordestino*

2- R: *Vim com 10, depois voltei pro Maranhão com 16, e vim de novo pra Brasília com 29.*

3- R: *Vim morar com minha tia quando minha mãe faleceu, isso na primeira vez né, na segunda eu vim porque eu quis mesmo, porque tinha gostado daqui, e também porque aqui é melhor de trabalho.*

4- R: *Já morei*

5- R: *É que nem eu falei, a vantagem é que aqui a gente consegue serviço mais fácil e ganhando melhor, a desvantagem é que aqui o povo não sabe fazer as comidas boas de lá*

6- R: *Rapaz, acho que mais maranhense mesmo*

7- R: *Nam, tem que ser muito fresco pra ficar se doendo por essas coisas*

8- R: *Aqui em Brasília tem mais gente de lá do que nascida aqui, por isso que eu não estranhei muito quando vim pra cá menino, acho os negócio aqui muito parecido com os de lá, menos a comida!*

9- R: *Acho que o cabra tem que falar que nem homem, seja ele daqui, de lá do nordeste ou de qualquer lugar.*

10- R: *Coloca aí 6*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *Avexado*

13- R: *Você*

14 - R: *a) desmantelado*

15- R: *Hoje lá churrasco do Barbosinha vai ser desmantelo!*

APÊNDICE 7 - FRANCISCA, 60 ANOS

1 - R: *Sou maranhense da gema, São Luís*

2- R: *Vim pra cá menina, não tinha nem 15 anos ainda não , foi em setenta e alguma coisa*

3- R: *Minha filha, na verdade nós viemos pra Brasília para trabalhar, né? Porque lá também tinha trabalho, mas aqui que a gente veio conhecer o que era um salário mínimo. Chico trabalhava de pescador e a carne que a gente conhecia era essa, peixe e às vezes a gente comia carne de porco, mas eu vim conhecer carne de gado aqui em Brasília. E o principal motivo, foi esse mesmo: tem um serviço digno, tanto para ele quanto para mim que nunca tinha trabalhado fichada, só ficava em casa cuidando dos meninos. Vim ter meu dinheiro quando cheguei aqui em Brasília. Comecei a trabalhar em casa de família e foi assim que a gente começou a nossa vida aqui em 80.*

4- R: *Morei lá até uns 12, anos e vim pra cá, nunca tive vontade de voltar nem a passeio, eu sofri demais lá, minha fia.*

5- R: *Vim pra Brasília foi uma bênção pra mim, Gabi. Foi aqui que eu encontrei Jesus e uma vida digna, acho que se eu tivesse ficado lá, nunca teria tido um encontro com Cristo, lá os meninos começa a ir pros forró é cedo e encher a cara de cachaça, tudo muito novo.*

6- R: *Não entendo muito dessas coisas, mas deve ser mais nordestina né, me diz o que você acha? Quando cheguei aqui, era tudo misturado. Tinha gente de todo canto, mas os nordestinos eram maioria. A gente foi aprendendo a falar uns com os outros, misturando os jeitos de falar.*

7- R: *Eu falo um monte de coisa errada, a Vanessa me corrige direto, mas de onde eu vim não tinha como eu aprender a falar certinho, às vezes quando eu vou falar com alguém importante eu fico com vergonha, mas fazer o que né, Deus me fez assim.*

8- R: *Nem sei responder isso, menina*

9- R: *Ah! Pra mim tem que deixar as coisas velhas pra lá, se tá num lugar novo é mais bonito falar igual as pessoas do lugar fala*

10- R: *Oito*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *b) Avexado*

13- R: *Você é mais bonito de falar né? Ma eu falo ‘tu’*

14 - R: *b) esculhambado*

15- R: *Se avie que Jesus tá bem aí!*

APÊNDICE 8 - JOÃO, 25 ANOS

1- R: *Brasília*

2- R: *Sempre morei aqui*

3- R: *Meu pai foi transferido do emprego dele pra cá, ele trabalhava numa construtora, se eu não me engano foi isso, nunca perguntei a história direitinho.*

4- R: *Só fui uma vez lá, mas eu era muito pequeno.*

5- R: *Acho que pra ele foi bom porque ele conheceu minha mãe né (risos), mas na época todo mundo queria vir morar em Brasília porque tava começando né?*

6- R: *Brasiliense*

7- R: *Não, porque eu acho que não tenho muitos traços nordestinos não, mas isso aí acontece muito, acho que até eu já fiz umas piadas meio sem graça desse negócio de sotaque.*

8- R: *Sei lá, pra mim é normal, todo mundo fala alguma gíria do nordeste.*

9- R: *Acho importante*

10- R: *Pra mim, 0, mas pra os meus pais uns 7*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado*

13- R: *Uso mais o você.*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *Pra mim, falar 'oxe' ou chamar tapioca de beiju é normal. É parte do que somos, parte do que aprendi com meus pais e avós, que são do Maranhão.*

APÊNDICE 9 - GEOVANA, 22 ANOS

1 - R: *Sou de Brasília mesmo.*

2- R: *Nasci aqui, mas morei 2 anos no Piauí. Foi em 2016 e 2017*

3- R: *Sempre morei aqui com minha avó, só esses dois anos que fui pra lá morar com minha mãe porque ela tava doente, mas não sei muito bem porque que minha vó veio pra cá, acho que foi coisa de casamento arranjado que tinha muito na época dela.*

4- R: *Como eu disse, morei em Teresina dois anos, mas foi uma experiência muito ruim, primeiro porque minha mãe tava doente, segundo porque foi muito difícil me adaptar lá, a escola principalmente, e eu não conhecia ninguém além da minha mãe.*

5-R: *Não tem desvantagens em morar em Brasília, só pelo fato de aqui ser a Capital pra mim já é perfeito.*

6- R: *Mais brasilienses, mas eu tenho umas frases que aprendi com minha vó que eu falo direto.*

7- R: *Não tenho muito o que responder aqui porque eu acho que não falo parecido com o pessoal do nordeste, tipo as pessoas que falam dia ['diɐ] e tio ['tiu].*

8- R: *Acho bonito o pessoal que vem pra cá e conserva o jeito de falar, gosto muito do sotaque da Paraíba, acho muito bonito.*

9- R: *Sim*

10- R: *uns dois só*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado*

13- R: *Eu acho, não tenho certeza, mas acredito que uso mais 'você' do que 'tu'.*

14 -R: *a) Estragado*

15- R: *Eu e meu namorado sempre se chama de “mainha” e “painho” a gente pegou essa mania desde que começamos a namorar, acho que conta como dialeto nordestino né?!*

APÊNDICE 10 - JOSÉ, 48 ANOS

1 - R: *Eu sou de uma cidade chamada Brejinho no Pernambuco*

2- R: *Vim pra Brasília em 2020 assim que começou a pandemia, em março*

3- R: *Rapaz, eu vim atrás de emprego, mas bem na época que eu vim, fechou tudo, nada funcionava, eu passei uns maus bocados com a nega e os meninos, mas logo logo eu consegui um emprego, fui chamado pela pioneira e tô como cobrador lá até hoje, graças a Deus tenho nada para reclamar, conseguindo sustentar minha família tá bom.*

4- R: *Morei lá quase a vida toda, às vezes tenho até saudade, mas não tenho planos de voltar, minha vida agora é aqui, e também tem a escola dos meninos, meu mais velho também tá estudando lá na UnB, então nossa vida daqui pra frente vai ser aqui Brasília mesmo.*

5- R: *Nada na vida é fácil né, o lugar que você tá não importa muito, o que importa é sua força de vontade pra correr atrás dos seus objetivos, então as vantagens e desvantagens vai ter em qualquer lugar, só que tu tem que saber aproveitar as oportunidades que a vida dá, vir pra Brasília mesmo, foi uma oportunidade que a vida me apresentou e eu aproveitei, senão até hoje tava lá fazendo bico de pedreiro e de marmoraria, mas tem que saber meter as caras pra não ficar vendo a vida passar e você ficar no mesmo lugar.*

6- R: *Eu falo, ando, como, igual pernambucano, não consigo nem enganar ninguém.*

7- R: *Nada, moço, isso aí é besteira do povo.*

8- R: *Olha, eu gosto do jeito que eu falo, mas também não vou obrigar a ninguém gostar também, cada um com seu cada qual. não me xingando pode falar até em japonês que eu não tô nem aí.*

9- R: *Acho importante, mas não acho que é obrigatório.*

10- R: *Eu, 10. Meus meninos quase não tem muito do Pernambuco na fala, acho que uns 2 só.*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *b) Avexado*

13- R: *'Tu', você só com o patrão. (risos)*

14 - R: *b) Esculhambado*

15- R: *Eu sou crente mas meu facão não é não, visse?*

APÊNDICE 11 - LAURA, 21 ANOS

1 - R: *Eu sou daqui de Brasília*

2- R: *Nascida e criada aqui.*

3- R: *Minha mãe veio pra cá bebê ainda com meus avós e meus tios, então ela só nasceu em Alagoas, mas foi criada aqui em Brasília.*

4- R: *Não, nunca fui lá não , mas tenho vontade de conhecer as praias de lá.*

5- R: *Não tenho como dizer como é morar lá porque nunca morei né, mas acho que se fosse para eu escolher eu escolheria morar aqui mesmo, principalmente porque eu sou concurseira e aqui é a capital dos concursos.*

6- R: *Só brasilienses.*

7- R: *Não.*

8- R: *Não tenho muito lugar de fala , mas acredito que os nordestinos devem preservar seus dialetos e ter muito orgulho de suas histórias seja no nordeste ou em Brasília.*

9- R: *Tem que conservar sim.*

10- R: *5, mas por influência de televisão e internet, nem tanto pela nossa origem em si.*

11- R: *Mandioca*

12- R: *a) apressado*

13- R: *‘Você’*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Deixa de conversa fiada no pé do meu ouvido”*

APÊNDICE 12 - ANTÔNIO, 49 ANOS

1 - R: *Eu sou do Piauí.*

2- R: *Vim em 2000, tinha 24 anos*

3- R: *Eu vim acompanhar meu pai na empresa que ele veio abrir aqui, na época a gente trabalhava arrumando máquina hospitalar.*

4- R: *Já morei e já voltei lá muitas vezes, não só no Piauí, mas já conheci o nordeste todo de cabo a rabo.*

5- R: *Pra o meu pai era a grande chance de fazer o negócio dele ir pra frente, até que nos primeiros anos deu muito certo, mas depois enfrentamos muitas crises na empresa e acabou falindo.*

6- R: *Nordestinas é muito amplo, considero que tenho sotaque piauiense.*

7- R: *Só com meus próprios amigos e meus parentes de lá, quando eu volto lá eles ficam mangando de mim dizendo que eu só quero ser o candango agora.*

8- R: *Brasília é uma extensão do nordeste né, foram os nordestinos que construíram tudo isso aqui, então nada mais justo que ter legado deles aqui.*

9- R: *É importante, mas é impossível a gente não ir perdendo os traços ao longo dos anos e com a convivência com a molecada daqui.*

10- R: *Sete ou oito*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *c) Agoniado*

13- R: *Hoje em dia eu uso mais o ‘você’*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *Vou falar igual aquele cara que tá viralizando no TikTok: “Deixa de ser sem vergoin seu cabra nojento”*

APÊNDICE 13 - CAROLINA, 30 ANOS

1 -R: *Brasília.*

2- R: *Nunca morei em outro lugar, na verdade nunca saí de Brasília pra nada.*

3- R: *Minha mãe e meu pai vieram pra Brasília na década de 80, vieram pra começar a vida do zero aqui, minha mãe tinha o sonho de ser professora, e aqui ela conseguiu fazer a faculdade de pedagogia e trabalhar na área dela.*

4- R: *Não.*

5- R: *Pra o meu pai eu não sei porque ele não fala muito sobre como era a vida dele lá, só sei que não era muito fácil, mas pra minha mãe foi a realização do sonho dela, ser a primeira da família a ter um curso superior.*

6- R: *Nem sei muito quais são as características brasilienses, mas com certeza tenho mais de Brasília do que do nordeste.*

7- R: *Não.*

8- R: *Acho que é importante ter estudos tipo esse que você está fazendo, pra isso nunca deixar de existir né, e ser estar documentado para as próximas gerações.*

9- R: *A mesma resposta a pergunta anterior.*

10-R: *Um.*

11- R: *Mandioca*

12- R: *a) Apressado*

13- R: *Você perguntando assim é difícil dizer, porque dá um branco, mas acho que uso mais os o ‘você’.*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *Deixa eu me aprumar pra ir trabalhá!*

APÊNDICE 14 - GABRIEL, 22 ANOS

1 - R: *Sou brasileiro*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Meu pai veio pra cá quando estava com câncer pra se tratar aqui, aí acabou que teve que vim a família toda junto.*

4- R: *Já fui em Porto de Galinhas.*

5- R: *A maior montagem que pode ter é que meu pai se curou do câncer se tratando aqui né se fosse lá ele não teria o tratamento adequado e talvez nem tivesse vivo.*

6- R: *Acho que mais brasiliense, mas eu gosto de usar expressões do nordeste também.*

7- R: *Não é meu caso.*

8- R: *Acho que é importante, lá em casa mesmo meus pais não mudaram nada o jeito que eles falam, apesar de morar aqui em Brasília há mais de 20 anos.*

9- R: *Necessário!*

10- R: *Para mim, uns dois só*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado.*

13- R: *Eu uso os dois, é meio inconsciente, o primeiro que vem na minha mente é o que eu falo.*

14 -R: *a) Estragado*

15- R: *Eu uso muito 'ave maria', 'eita' e 'oxente' nos meus vídeos. É engraçado porque tem seguidor de fora que acha que eu sou nordestino, mas na verdade sou brasiliense mesmo. É o nosso jeitinho de falar.*

APÊNDICE 15 - JANAÍNA, 47 ANOS

1 - R: *Sou natural do Maranhão, passei a maior parte da minha vida no Piauí, em uma cidade chamada Francisco Ayres, e moro em Brasília vai fazer 15 anos.*

2- R: *Vim pra cá com 25 anos, no ano de 2002.*

3- R: *Vim pra cá assim que casei com o Leonardo, vendemos tudo lá e viemos recém casados começar nossa vida aqui com a cara e a coragem, compramos nossa casinha e tivemos nossos filhos aqui. Tenho muito orgulho da coragem que tivemos, porque não tínhamos nenhum parentesco aqui, dormimos as nossas primeiras noites em Brasília de favor na casa de uma conhecida da minha sogra.*

4- R: *Morei lá até os 25, depois que viemos pra cá, só fomos lá uma vez, que foi ano passado, infelizmente não foi por uma boa causa, tivemos que ir para o velório do pai dele.*

5- R: *5. Pra todo mundo era loucura dois jovens sem experiência nenhuma sair do seio da família pra ir se aventurar em outro estado, mas eu não me arrependo de nada, faria tudo de novo, se nós tivéssemos deixado o medo nos parar, não tínhamos conquistado o temos hoje.*

6- R: *Tenho umas mania do Piauí, mas acho que não é muito relacionado ao jeito de falar não.*

7- R: *Nunca me senti constrangida não, mas confesso que quando cheguei aqui ficava tentando imitar o jeito de falar do pessoal daqui, tinha um pouco de vergonha de falar pras minhas colegas de trabalho de onde eu vim e ficava evitando falar umas gírias que a gente só usava lá e o povo daqui não ia nem entender.*

8- R: *Quando a gente vai amadurecendo, a gente vai ficando orgulhoso da nossa história, então hoje eu não tenho mais vergonha do meu jeito de falar, muito pelo contrário, tenho muito orgulho.*

9- R: *É importante conservar e é mais importante ainda respeitar os sotaques e diferenças linguísticas de cada um.*

10- R: *Eu tenho uns 8 de Piauí e uns 2 de Brasília.*

11- R: *Macaxeira ou aipim*

12- R: *b) Avexado*

13- R: *Eu uso mais o 'tu', mas acho que aqui em Brasília eu vejo mais gente falando 'você', eu inclusive já tentei mudar para o 'você' também, pra me encaixar no jeito do pessoal aqui falar, mas não tem jeito depois de velha é difícil abandonar os costumes.*

14 -R: *a) Estragado ou esculhambado*

15- R: *Esses dias tá fazendo calor pra dedéu!*

APÊNDICE 16 - RICARDO, 38 ANOS

1 - R: *Sou do Rio Grande do Norte, de Mossoró..*

2- R: *Vim pra cá em 2005, acho que eu tinha 18 anos.*

3- R: *Vim morar com minha madrinha, tava dando muito trabalho pros meus pais lá e eles resolveram me mandar cá, pra dar trabalho pra minha madrinha. mas acho que fez foi piorar porque quando eu cheguei aqui acabei me envolvendo com muita gente errada, moleque novo tem dessas coisas, mas depois de um tempo eu criei juízo, fui morar mais a Eli e tive que arrumar um emprego fichado pra sustentar a casa.*

4- R: *Morei lá até essa idade aí que eu te falei.*

5- R: *Na cabeça dos meus pais, se eles me mandassem pra cá, eles iam tá me livrando da marginalidade lá, porque a imagem que eles tinham de Brasília é que aqui só tinha playboy e não existia crime aqui. Então eu vim por causa disso, fui praticamente expulso de casa porque eu não era gente.*

6- R: *Não tem como perder o sotaque de lá não, como eu já vim com 18 anos, já vim com meu jeito de falar formado*

7- R: *Não, nunca reparei não*

8- R: *Quando eu cheguei aqui eu estranhei muito, mas depois que os anos vão passando a gente vai se acostumando né, mas eu mesmo acho que não mudei nada meu jeito de falar.*

9- R: *Depende, se for só o sotaque sim, agora se for pra falar igual matuto, acho que não.*

10- R: *Nove*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *Falo que tá Avexado*

13- R: *'Tu'*

14 - R: *Uso os três*

15- R: *Arrudeia o quintal se quiser entrar.*

APÊNDICE 17 - IVETE, 49 ANOS

1 - R: *Nasci na Bahia.*

2- R: *Morei lá até minha caçula nascer, eu tinha 32, isso foi em 2008.*

3- R: *Quando me separei do pai das meninas, minha família já morava toda aqui, e lá eu não tinha como cuidar delas e trabalhar pra pagar aluguel, aí vim pra cá, porque minha mãe me ajudava olhando ela enquanto eu saía pra trabalhar.*

4- R: *Morei lá, mas nunca mais voltei, tô vendo se esse ano consigo viajar pra lá.*

5-R: *Eu gostava da minha vida lá, mesmo sabendo que meu casamento não tava mais dando certo, eu queria continuar morando, lá, relutei muito pra vir, mas no fundo eu sabia que aqui ia ser melhor pra mim e pra minhas meninas.*

6- R: *Eu falo igual Baiana, mas não fico chamando os outros de “meu rei” e “minha rainha” não, o povo acha que todo baiano fala assim.*

7- R: *Já sim, quando eu trabalhava num restaurante lá no Bandeirante, uma vez eu tava servindo a comida de uma mulher e enquanto eu conversava com ela, ela reconheceu meu sotaque e disse que por isso que o atendimento era tão lerdo, que só podia ser uma baiana mesmo, que até meu jeito de falar era de preguiçoso. Foi uma das piores humilhações que eu passei, foi justamente por essa questão de sotaque nordestino.*

8- R: *Depois que eu passei essa situação que eu te contei, aí que eu tive mais orgulho do jeito que eu falo mesmo.*

9- R: *Tem que conservar e quanto mais as pessoas se incomodarem aí que você tem que falar mesmo.*

10- R: *Não teria nota menor que 10 pra mim.*

11- R: *Mandioca, aprendi com o pessoal daqui.*

12- R: *Na verdade eu uso mesmo é aperreado.*

13- R: *Uso mais o ‘você’, mas tem hora que uso o ‘tu’ também.*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *Karina, para de ‘malinar’ nas coisas da sua vó!*

APÊNDICE 18 - VICTOR, 21 ANOS

1 - R: *Nasci em Brasília.*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Minha mãe e meu pai vieram do Maranhão quando eu não era nem nascido ainda, então eu não sei que ano foi porque eu nunca perguntei pra eles.*

4- R: *Nunca fui lá não, mas também não tenho vontade não, meu pai já me chamou umas duas vezes pra ir e eu que não quis.*

5-R: *Aqui é Brasília é tem uma qualidade de vida maior né, mais fácil de arrumar emprego e tal, educação, saúde, acho que essas coisas tudo é melhor aqui.*

6- R: *Acho que daqui mesmo.*

7- R: *Não.*

8- R: *Meu pai que sempre falou igual ele falava lá no Maranhão, ele fala umas paradas que nem eu entendo tem hora, umas palavras que só ele sabe o significado. e ainda fica com raiva se a gente não entende. (risos)*

9- R: *Indiferente.*

10- R: *No meu jeito de falar é 0, se for falar do meu pai e da minha mãe é 8.*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado*

13- R: *‘Você’*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Bora meus fi que a vida tá passando!” quando eu vou chamar os moleques para entrar na call.*

APÊNDICE 19 - JÚLIA, 20 ANOS

1 - R: *Brasília.*

2- R: *Fiquei aqui até 11 anos, daí fomos pra o Rio de Janeiro e moramos quatro anos lá e depois voltamos para Brasília.*

3- R: *Meu pai é Alagoano e minha mãe carioca, aí quando eles se conheceram, combinaram de morar no meio do caminho pra ficar a mesma distância da família de cada um, aí escolheram vir pra Brasília por isso, é uma história bem engraçada que quando eu conto as pessoas nem acreditam, mas eles são doidinhos mesmo.*

4- R: *Nunca morei, mas já fui em Maceió três vezes.*

5- R: *Como eu nasci aqui, não tenho muito o que falar, mas para os meus pais o grande motivo de escolherem Brasília foi mesmo pelo fato de ser um bom ponto de encontro pra eles, por ser no metade do Brasil.*

6- R: *Brasilienses.*

7- R: *Nunca.*

8- R: *Não sou nordestina, mas tenho muito orgulho do meu pai que é de lá e ele também gosta muito do jeito cantado que ele fala, então pra mim o importante é que ele tá feliz com isso.*

9- R: *Sim e como eu falei né, meu pai faz isso muito bem.*

10- R: *Como lá em casa é uma mistura de carioquês com alagoano, eu diria que uns 5.*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado*

13- R: *Eu não tenho bem certeza, mas arriscaria dizer que é o “você”, que na verdade mesmo eu falo só “cê”*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Se orienta, rapaz!”*

APÊNDICE 20 - MATHEUS, 32 ANOS

1 - R: *Sou de Brasília, da Ceilândia.*

2- R: *Só morei aqui a vida toda.*

3- R: *Minha família veio pra cá pra conseguir comprar uma casa própria na época do governo do Roriz que tava saindo muito lote aqui, e deu certo, eles entraram numa cooperativa e não demorou muito foram contemplados com a casa que a gente vive até hoje.*

4- R: *Só fui no nordeste uma vez quando eu era criança ainda, esse ano tô com uma passagem comprada lá pra Pernambuco.*

5-R: *O principal motivo da minha família ter vindo foi moradia mais acessível, pelo menos naquela época era né, hoje em dia não compensa mais sair de lá pra vir arriscar comprar casa aqui, E pra mim a melhor parte de morar em Brasília é o benefício de termos a oportunidade de fazer concursos de todas as áreas que se pode imaginar; o concurso público mudou minha vida e da minha família, passei com 26 anos no concurso do TST (Tribunal Superior do Trabalho) e desde então realizei muitos sonhos dos meus pais.*

6- R: *Mais brasilienses*

7- R: *Não, mas sei que infelizmente isso é muito comum né.*

8- R: *Acho importante sempre conscientizar as pessoas que essa cidade foi construída majoritariamente por nordestinos, então nada mais honesto que deixar que a história desses pioneiros que vieram para cá se perpetue por toda a história do DF.*

9- R: *Acho que é um papel de todos fazer com que esse legado ecoe pelas próximas gerações.*

10- R: *Uma média de 5 ou 6.*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado*

13- R: *Eu, com certeza uso mais o ‘você’, mas lá em casa todo mundo fala mais ‘tu’*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Vou tacar essas coisas velas tudo no mato”*

APÊNDICE 21 - CRISTIANE, 39 ANOS

1 - R: *Nasci em Teresina, mas vim pra Brasília muito nova, me considero Brasiliense*

2- R: *Eu vim com uns 2 aninhos.*

3- R: [...] Eles vieram de início para o Santo Antônio, depois de alguns anos morando lá que mudaram pra o Gama, eles decidiram vir por influência de uns amigos deles que já estavam morando aqui, largaram tudo lá e vieram com mais um monte de gente, tudo na mesma época.

4- R: Fiquei lá até 2 anos de idade né, e depois que viemos morar aqui, só fui lá uma vez, mas faz uns 10 anos já.

5- R: Naquele tempo tava um monte de gente vindo morar aqui, porque diz que aqui era melhor de arrumar serviço e que pagava melhor. Então veio todo mundo com esse sonho de construir alguma coisa aqui, alguns se arrependeram e voltaram, mas a maioria mora aqui até hoje.

6- R: É impossível a gente não pegar umas manias dos pais da gente né, então acho que é meio a meio.

7- R: Já ouvi alguns comentários, não sei se era na maldade, mas eu também nunca fui de importar muito com que os outros pensam de mim, ninguém tá pagando minhas contas mesmo.

8- R: Tem muita gente que tem vergonha e tem muita gente que tem orgulho de ter origem nordestina, na verdade, eu não considero que eu não tenho nenhum nem outro. Porque pra mim é tão natural que eu meio que nunca parei para pensar nisso, mas eu não vejo problema nenhum em falar gírias nordestinas e em ter um sotaque mais nordestino e tal, meus pais são do Maranhão e muito da nossa cultura lá em casa é uma grande mistura pra ser sincera, mas a gente está tão enraizado aqui em Brasília e tem tantos morando aqui, que a gente não consegue ter mais ter essa percepção, mas às vezes quem tá de fora percebe melhor do que a gente né, ou então se a pessoa realmente tiver observando e estudando como no seu caso.

9- R: Temos que conservar e nunca esquecer de onde nós viemos, da terra que nos gerou.

10- R: Uns sete

11- R: Macaxeira

12- R: Apressado, agoniado, avexado, uso de tudo, depende do meu humor no dia (risos)

13- R: Eu acho que uso mais o 'tu', porém não tenho certeza.

14 -R: a) Estragado ou desmantelado.

15- R: "Vou fazer um beiju pra gente lanchar"

APÊNDICE 22 - JHONATAN, 40 ANOS

1 - R: Sou natural daqui de Brasília mesmo.

2- R: Morei em Santa Inês, Maranhão, 5 anos.

3- R: Minha mãe mais meu pai vieram pra cá porque não queriam mais morar lá mesmo, queria mudar de vida, e achava que lá ia ser sempre a mesma vida, ele tinha vontade de abrir uma oficina pra ele, porque lá ele já mexia com carro. Aí vieram pra cá e venderam tudo pra abrir a tal da oficina, abriu mas com pouco tempo, ele teve que fechar porque não tava dando certo, aí foi a época que eu nasci, aí eles voltaram pro Maranhão porque lá pelo menos tinha onde ele trabalhar, aí ficamos lá por 5 anos e ele decidiu vim de novo e tamo aqui até hoje

4- R: Voltei lá uns anos atrás, isso no Maranhão, agora já fui passear em João Pessoa também.

5- R: Meu pai sempre achou que aqui as coisas iam mudar da água pro vinho, mas não foi bem assim, no começo foi bem mais difícil do que ele tava esperando, a gente passou muita necessidade, tinha dias que era cuscuz no café, no almoço e na janta. Mas no final de tudo ele conseguiu se virar bem pra quem não teve ajuda de ninguém nem herança de papai, ele foi muito guerreiro e levantou muita coisa sozinho.

- 6- R: *Nem sei te dizer direito, nunca prestei atenção nisso, tu acredita?*
- 7- R: *É como eu te disse, nunca observei isso, acho que de agora em diante eu vou passar a observar como eu falo, se eu falo igual o povo daqui ou igual o povo de lá.*
- 8- R: *Sinto que o que todo nordestino ou filho de nordestino sente né , muito orgulho da força dos nossos pais.*
- 9- R: *Acho que nem que a pessoa queira, ela consegue se livrar das raízes dela, a pessoa pode até forçar falar de um jeito, mas nunca vai conseguir falar igual uma pessoa que nasceu naquele lugar, ela sempre vai falar do jeito do lugar que ela nasceu.*
- 10- R: *Dez*
- 11- R: *Mandioca*
- 12- R: *Agoniado*
- 13- R: *Eu uso mais o 'tu'.*
- 14 - R: *a) Falo que tá estragado mesmo.*
- 15- R: *“Marminino, tô dizendo mesmo!”*

APÊNDICE 23 - FABIANA, 33 ANOS

- 1 - R: *Nasci aqui.*
- 2- R: *Sempre morei aqui.*
- 3- R: *Então pelo que eu sei da história dos meus pais e dos meus tios, é que eles se juntaram todos pra virem juntos pra Brasília porque meu avô era muito ruim pra eles, explorava eles nas roças que eles trabalhavam e se não fizesse o que ela mandado eles eram espancados, eles também passaram muita fome na infância deles quando meu tio mais velho fez 18 anos e pegou minha mãe e meu outro tio e veio de carona com caminhoneiros pra Brasília, porque tinha uma tia deles que morava aqui e disse que eles não precisavam viver aquela vida, aí essa tia pegou eles pra criar e eles chamam ela de mãe, e pra mim ela é minha vó também.*
- 4- R: *Graças a Deus eu nasci aqui, porque eu não tenho vontade nenhuma de ir naquele lugar que meus pais e meus tios sofreram tanto.*
- 5- R: *A vantagem foi a própria sobrevivência né, desvantagem nenhuma, porque eles vieram pra cá em busca do básico! [...]*
- 6- R: *O meu é brasileiro, mas como meus pais eram bem do interior, eles tem o sotaque bem carregado.*
- 7- R: *Não*
- 8- R: *Acho que todo mundo que veio de lá são grandes guerreiros, pode pegar a história de todo mundo que você entrevistar aí, você vai vê que é história de luta. É um povo muito sofrido com muita história de superação.*
- 9- R: *Sim, é importante, mesmo que eu não tenha pegado nada dos meus pais, eu acho sim que é importante,*
- 10- R: *Pra deve ser só uns 2, no máximo 3.*
- 11- R: *Chamo de Mandioca*
- 12- R: *Apressado*

13- R: *Não entendo muito de português e desse negócio de “pronome” mas acho que eu falo mais ‘você’ do que ‘tu’.*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Deixa eu cuidar na vida”*

APÊNDICE 24 - MAURÍCIO, 42 ANOS

1 - R: *Sou pernambucano!.*

2- R: *Eu vim pra cá em 1999, tinha 16 pra 17 anos*

3- R: *Nós viemos como a maioria veio né, atrás de serviço e de ganhar dinheiro, e também minha mãe como professora sempre quis que eu e meus irmão estudasse num lugar melhor; porque o ensino de lá era bem ‘pebinha’, eu ia pra escola mais era pra jogar bola e lanchar (risos)*

4- R: *Morei e já fui em outros lugares também, mas pra turistar mesmo.*

5- R: *Ganhar dinheiro. Aqui as portas de emprego são melhores e aqui quem sabe fazer dinheiro se dá muito bem, Brasília é um lugar muito top pra abrir um negócio, mesmo que essa crise aí que ‘nego’ fala, só não faz dinheiro quem não quer.*

6- R: *Tem mais características lá de pernambuco mesmo.*

7- R: *Ih! isso aí acontece mesmo, do povo ficar mangando, mas não é o tipo de coisa que eu ligo não*

8- R: *Acho que tem que parar com essas distinção de quem é daqui de Brasília, ou do Nordeste, ou do sul, ou do norte, ou de qualquer lugar; todo mundo é do Brasil, não é? Então todo mundo tem que aprender a falar com todo mundo sem querer humilhar o outro por causa do jeito que a pessoa fala ou deixa de falar.*

9- R: *Cada um tem que conservar as origens de onde veio né?*

10- R: *Mais ou menos 8*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *b) Avexado*

13- R: *Se for com no dia-a-dia com as pessoas eu uso o ‘tu’ mesmo.*

14 - R: *b) Esculhambado*

15-R: *“Quer ir mais eu? bora!”*

APÊNDICE 25 - THAÍS, 37 ANOS

1 - R: *Brasília.*

2- R: *Nunca fui pra outro estado, sempre aqui, ou aqui ou no entorno que é mais Brasília do que Goiás.*

3- R: *Eles vieram tem mais de 50 anos, meu pai era mestre de obras e trabalhou na construção de um monte desses prédios importantes do Plano.*

4- R: *Nunca morei lá só fui conhecer mesmo, em viagem com meu marido e meus filhos.*

5- R: *A vantagem foi que o primeiro emprego fixo do meu pai foi quando ele veio pra cá, e a desvantagem é largar toda sua vida lá né, toda sua família, seus parentes, dar tchau pra todo mundo e vim começar a vida em outro lugar.*

6- R: *Muito brasileiro.*

7- R: *Não, nunca.*

8- R: *Acho que quando a gente respeita o legado em si, em todos os aspectos que existem, o legado linguístico também vem junto dessa bagagem, acho que não são coisas separadas, quando você respeita a história de alguém, você respeita toda a trajetória dela e o que ela carrega consigo.*

9- R: *Sim, e sempre ensinar isso pra os nossos filhos também, que eles devem ter orgulho de onde vêm, independente de onde estejam, não precisam se adequar aos lugares que vão só pra serem aceitos.*

10- R: *Nota 3*

11- R: *Mandioca*

12- R: a) *Apressado*

13- R: *Acho que falo o 'você' com mais frequência que o 'tu'*

14 - R: a) *Estragado*

15- R: *Que comida gostosa da gota serena!*

APÊNDICE 26 - MAX, 55 ANOS

1 - R: *Sou do Piauí*

2- R: *Não lembro o ano direito, foi mais ou menos em 95 ou 96.*

3- R: *Vim porque as irmãs da minha mulher tinham vindo morar aqui e chamaram ela pra vim também, e ele botou na cabeça que queria vir e não me deu sossego enquanto não viemos de mala e cuia.*

4- R: *(sem resposta)*

5- R: *A vantagem foi que eu ouvi minha mulher né (risos) bem que sempre fala que mulher tem razão, ainda bem que eu obedeci ela, saímos de lá a gente não tinha um tostão furado, e foi aqui que a gente construiu nossa casa, compramos carro, criamos nossos filhos e aceitamos Jesus que foi a melhor coisa que nos aconteceu.*

6- R: *Acho que o sotaque do Piauí é diferente do resto do nordeste, não sei, lá não é igual na Paraíba, por exemplo.*

7- R: *Eu mesmo não!*

8- R: *Pra mim não faz diferença nenhuma, os outros entendendo o que eu tô falando e eu entendo o que tão falando comigo já tá bom.*

9- R: *Ah! Pra mim é lugar novo, vida nova, novos hábitos, novo tudo.*

10- R: *Cinco*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *Ele tá aperreado pra chegar logo.*

13- R: 'Tu'

14 - R: *b) Esculhambado*

15- R: *"Levei um carão no trabalho por causa dos cagueta puxa-saco de patrão"*

APÊNDICE 27 - LUANA, 27 ANOS

1 - R: *De Brasília*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Vieram buscar uma condição melhor de vida, emprego melhor, educação melhor pra mim e pra os meus irmãos, eles moravam numa cidade muito pequena lá em Sergipe.*

4- R: *Nunca morei, mas todo ano a gente vai lá no Natal, temos a tradição de passar o Natal na casa dos meus avós.*

5- R: *Como eu disse, nunca morei lá, mas pelo o que eu já conheci indo lá uma vez por ano, a diferença na infraestrutura é absurda, lógico que o estado inteiro não é largado, ou de estrada de terra., mas a maioria das cidades pequenas são de estrada de terra e as casas são todas muito humildes sabe? Fora outras coisas que é muito precário lá também, tipo a saúde. Então a maior vantagem de morar em Brasília é isso, aqui nós temos acessos a essas coisas básicas na maioria das vezes bem próximo de casa, lógico que essa não é uma realidade de todo mundo, mas da maioria sim. E não que essas coisas funcionem perfeitamente bem aqui no DF, mas em vista de lá é sim, muito melhor.*

6- R: *Brasilienses*

7- R: *Não, mas já vi minha mãe sofrer preconceito linguístico e vou te falar viu? Isso é tão criminoso quanto o racismo.*

8- R: *Tem que cuidar pra manter as tradições né, minha família tem muito isso de tradição, que nem a do Natal, o legado tem que ser passado pra os próximos que vierem também.*

9- R: *Sim!*

10- R: *Na minha casa deve ser uns 5.*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado*

13- R: *Uso mais o 'tu' o 'você' já virou 'cê' né?!*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *Uma coisa engraçada que minha mãe fala é "arengar" é tipo caçar conversa, ficar perturbando alguém.*

APÊNDICE 28 - BRUNO, 30 ANOS

1 - R: *Brasília*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Minha mãe e minha tia decidiram vir pra cá porque todo mundo dizia que aqui era melhor; elas vieram com um emprego de doméstica arranjado já, mas dinheiro mesmo elas não tinham, só umas malinhas e um sonho.*

4- R: *Não, nunca fui lá*

5- R: *Não sei muito bem a vantagem que elas viram entre ser doméstica lá ou se doméstica aqui, mas pelo menos eu nasci aqui, porque sinceramente eu não queria ter nascido lá não.*

6- R: *Só brasiliense*

7- R: *Não porque eu sou daqui, então falo que nem todo mundo daqui mesmo,*

8- R: *Não sinto nada, acho que é neutro, não acho que seja ruim ou bom ter sotaque nordestino, assim como o carioca, ou paulista, pra mim não faz menor diferença. nenhum é melhor ou pior que o outro*

9- R: *Não cara, as pessoas tem que falar do jeito que se sentem bem e do jeito que elas aprenderam a falar onde onde nasceram, ou onde moram, ninguém tem nada a ver com isso.*

10- R: *Se for só eu, é zero, se for eu e o pessoal lá de casa é uns 6*

11- R: *Mandioca*

12- R: a) *Apressado*

13- R: *'Você'*

14 -R: a) *Estragado*

15- R: *“Gosto de com força de tomar uma”*

APÊNDICE 29 - RAIMUNDA, 62 ANOS

1 - R: *Sou maranhense, Coelho Neto.*

2- R: *Eu me mudei pra Brasília em 95, era mocinha ainda tinha vinte e poucos anos.*

3-R: *Ah! É uma história longa, mas resumindo foi mais ou menos assim. Eu era moça quando comecei a namorar com Reginaldo, mas pai não gostava muito dele, mas a gente namorava sempre na calçada de casa, porque naquela época só podia namorar na casa da moça e na presença dos pais. Aí quando a gente fez dois anos de namoro e já tava tudo certo pra o nosso casamento, eu descobri que tava grávida, escondi do meu pai e da minha mãe por sete meses, mas teve um dia que ele percebeu e começou a me bater: e me jogou na rua e mandou eu ir atrás de Reginaldo pra morar com ele. Mas a família dele também não me quis lá porque disseram que eu era uma vagabunda. E no meio disso meu pai ameaçou ele, aí nós aproveitamos que um casal que a gente conhecia tava vindo pra cá morar aqui, perguntamos se a gente podia vim mais eles e ficar na casa deles até naldo arrumar um serviço. Eles aceitaram e até hoje eu sou muito grata pela minha amiga Edith que me acolheu grávida e com marido desempregado. Mas assim que chegamos aqui, Naldo conseguiu uns bico e alugou uma casinha pra gente, e nosso menino nasceu nesse mesmo ano [...]*

4- R: *Morei lá 20 anos, mas só voltei lá pra me despedir do meu pai quando tava quase falecendo, fui lá dizer que perdoava o que ele tinha feito comigo. Uns 2 meses depois disso ele partiu. Eu nunca mais tive vontade de ir lá de novo, tenho muitas lembranças ruins, mesmo que eu tenha perdoado ele, só de ir lá é como se eu tivesse vivendo aquilo tudo de 40 anos atrás.*

5- R: *Brasília mudou minha vida, aqui que eu vim conhecer o que é ter liberdade, o que é poder trabalhar pra ter meu próprio dinheirinho, lá onde eu nasci que não tinha vantagem nenhum, só sofrimento e miséria, porque minha vida lá era uma vida de miséria, tinha muitos irmão e nem todo dia tinha comida pra todo mundo, eu não posso dizer que passei fome, mas nunca pude comer o que eu queria, isso só veio acontecer aqui.*

6- R: *Mais maranhense mesmo, meu sangue é de nordestino e não nego pra ninguém.*

7- R: *Não, eu nem acho que falo diferente dos outros e que dá pra notar com facilidade que eu sou de lá.*

8- R: *Acho que a melhor herança que a gente pode deixar pra os nossos filhos e pros nossos netos é a nossa história, é quem nós somos, então eu procuro sempre falar pros meus netos o que eu sempre ensinei pros meus filhos também: meninos construam a história de vocês e nunca se envergonhem dela, e acima de tudo nunca abandonem a família de vocês por nada, porque um dia o arrependimento vem e ele é amargo.*

9- R: *Sim, as raízes são nossas histórias, e quem somos nós sem nossas histórias?*

10- R: *Nota 9*

11-R: *Macaxeira*

12- R: *b) Avexado*

13-R: *Eita, minha fã, eu não estudei muito, não sei direito como é isso, mas acho que falo mais ‘tu’.*

14 - R: *b) Esculhambado*

15- R: *“Fico injuriada quando estou me arrumando para o culto e meu marido fica me aperreando”*

APÊNDICE 30 - FRANCISCO, 54 ANOS

1 - R: *Sou lá do nordeste, de Barra de Santana, na Paraíba.*

2- R: *Vim em 2001, tinha acabado de completar 30 anos.*

3- R: *Eu e a nega viemos pra cá porque eu já tinha um serviço garantido aqui que meu cunhado que já morava aqui tinha arrumado pra mim, aí peguei minha mulher e o Gabriel que era molequinho, na época a gente não tinha a Raquel ainda, ela veio nascer já aqui em Brasília. Cheguei aqui e fui trabalhar nas Furnas e fiquei lá 15 anos fichado.*

4- R: *Depois que eu vim morar aqui, só fui lá uma vez, tá tudo muito diferente, se na época que eu saí de lá, Barra de Santana tivesse como tá hoje, eu não tinha me desbancado de lá pra cá atrás de emprego. A cidade cresceu demais.*

5- R: *A vantagem é que aqui eu arrumei um emprego bom que eu nunca conseguiria arrumar lá, e a grande desvantagem é que aqui não tem praia né, o nordeste pode até ser ruim em algumas coisas, mas tem as melhores praias do Brasil, e a gente aqui Brasília não sabe nem o que é isso.*

6- R: *Mais nordestino*

7- R: *Não, eu gosto mesmo é de ser o gaiato da turma, quando eu chego os cara já fala “olha lá, chegou o Paraíba”*

8- R: *Acho que meus meninos que cresceram aqui podem falar melhor do eu, eu não entendo muito dessas coisas, meu negócio é fazer gaiatice, acho que essa é minha principal característica de nordestino, principalmente de paraibano.*

9- R: *Acho, eu mesmo mantenho minhas raízes mesmo morando aqui mais de vinte anos.*

10- R: *Dez*

11- R: *Macaxeira*

12- R: b) *Avexado*

13- R: *Falo mais o 'tu', mas também depende de quem a gente tá falando né, meu pai e minha mãe me ensinou que se for gente mais velha que eu, tem que ser 'senhor' e 'senhora', e até hoje, depois de velho eu chamo, mesmo com as coisas modernas do jeito que tão, eu chamo as pessoas mais idosas de 'senhor' e 'senhora' isso aí não deveria mudar nunca, devia ser lei.*

14 -R: c) *Desmantelado*

15- R: *Uns dizeses que são de lá e povo daqui Às vezes não sabe dizer o que é, é: 'veaco', que significa mal pagador, caloteiro. E 'rebolar alguma coisa no mato' toda vez que eu falo alguma dessas coisas, eu tenho que explicar porque os outros não entendem.*

APÊNDICE 31 - SANDRA, 45 ANOS

1- R: *Sou da Bahia, mas criada aqui*

2- R: *Vim pra Brasília com 5 anos.*

3- R: *A gente veio porque as coisas lá não estavam fáceis, e aí meu pai que sempre foi uma grande homem de Deus, pediu direção pra Deus e ele disse que Deus mostrou Brasília pra ele em um sonho, que aqui seria a terra que ele ia prosperar, aí ele fez igual Abraão largou a terra onde ele nasceu e cresceu e veio pra um lugar que ele não conhecia nada e nem ninguém pra começar a vida do zero, mas como a vontade de Deus sempre é perfeita, deu tudo certo e ele diz que a melhor coisa que ele foi ter ouvido a voz de Deus pra vir pra cá, porque Deus cumpriu todas as promessas que tinha pra vida dele aqui.*

4- R: *Só morei lá até meus cinco anos mesmo, mas já fui lá umas vezes pra visitar nossa família que ficou lá.*

5- R: *5. A vantagem foi que aqui nós tivemos acesso a uma boa escola, e eu e meus irmãos somos todos formados. Esse era o maior sonho do meu pai, ele disse que não queria que a gente tivesse uma vida igual a dele, no caso ele só estudou até a 6ª série, e sempre quis que a gente fosse mais longe, e aqui nós conquistamos nossos diplomas. Mas como tudo tem desvantagens também, no meu caso foi crescer longe dos meus avós, eu sempre senti muita falta deles e morria de inveja de quem tinha avós presentes.*

6- R: *Brasilienses.*

7- R: *Não porque eu quase não peguei o falar 'cantado' da minha mãe e do meu pai, porque lá na Bahia parece que eles falam cantando.*

8- R: *Aí eu acredito que Brasília é formada por um monte de gente diferente de todo canto do Brasil, e na verdade mesmo é isso que deixa nossa cultura bonita, o Brasil é a miscigenação do mundo todo, e Brasília dá pra dizer que é a miscigenação do Brasil todo.*

9- R: *Sim, temos que não só preservar como também ensinar nas escolas a história desses nordestinos que vieram pra cá nesse começo de Brasília, porque eles são apagados da história, e isso deveria fazer parte do currículo pedagógico, deveria ser obrigação lembrar quem foram os verdadeiros candangos.*

10- R: *Eu avalio em uns 3, porque eu cresci aqui e não lá né?*

11- R: *Mandioca*

12- R: a) *Apressado*

13- R: *Eu sinto que normalmente eu uso mais o 'você', mas eu teria que fazer um monitoramento pra te falar direitinho.*

14 - R: *Eu falo que tá estragado, mas é mesmo muito comum ouvir o pessoal de lá dizer que tá 'esculhambado'.*

15- R: *Ah, lá na Bahia uma das coisas que a gente mais diz é “Barril” ou “Barril dobrado”, pra dizer que uma coisa é muito massa, muito bacana.*

APÊNDICE 32 - FERNANDO, 35 ANOS

1 - R: *Brasília mesmo.*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Vieram se arriscar, atrás de emprego mesmo.*

4- R: *Nunca fui lá não.*

5- R: *Só de sair da pobreza que eles viviam já é uma vantagem né, acho que pra ele não teve nenhuma desvantagem não que eles nunca tiveram vontade de voltar.*

6- R: *De Brasília.*

7- R: *Não.*

8- R: *Acho que é importante, mas na vida prática não sei se isso interfere muito e tem tanta importância, pra ser bem honesto.*

9- R: *É importante, mas se você tá num lugar diferente também não dá pra tentar ser igual você era onde morava antigamente.*

10- R: *Dois.*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado*

13- R: *'Você'*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Eu não tô nem tchum pra o que os outros pensam de mim [...]”*

APÊNDICE 33 - CARLA 43 ANOS

1 - R: *Sou de Brasília.*

2- R: *Nunca morei lá, sempre morei aqui.*

3- R: *Mamãe veio pra cá com 30 anos, quando tava no governo do Roriz, a intenção era comprar uma casa né, mas essa casa veio sair muitos anos depois, nesse meio tempo a gente morou de favor na casa da minha tia. Foi a pior fase das nossas vidas.*

4- R: *Não*

5- R: *5. Não considero que teve desvantagens não, quando minha mãe saiu lá do Maranhão ela não tinha nada, veio ter alguma coisa já aqui [...]*

6- R: *Brasiliense.*

7- R: *Não, até porque eu não tenho nada desse sotaque de maranhense, ou de gente do interior.*

8- R: *Eu acho bonito o sotaque nordestino, mas tem gente que exagera, sabe? Às vezes parece que força pra parecer mais nordestino do que é*

9- R: *Sim.*

10- R: *Zero*

11- R: *Mandioca*

12- R: a) *Apressado*

13- R: *Uso mais o você*

14 -R: a) *Estragado*

15- R: *“Vixe, Maria!”*

APÊNDICE 34 - RAFAEL, 23 ANOS

1- R: *Sou de Maranhão*

2- R: *Vim com 17 anos, em 2019*

3- R: *Eu morava com minha mãe e minha irmã lá São Luís, aí minha mãe casou de novo e eu comecei a ter muitos desacertos com meu padrasto, por que ele queria mandar em mim e eu não aceitava, aí peguei um dinheiro que eu tinha guardado, comprei uma passagem de ônibus e vim morar mais meu pai aqui Brasília.*

4- R: *Morei lá até essa idade aí que eu falei, 16, tava quase fazendo 17.*

5- R: *Eu até gostava de morar, só me mudei mesmo porque não me dava bem com meu padrasto, mas eu sinto falta da minha irmã mesmo ela sendo chata, e dos moleques que eu jogava bola, eu tinha muito amigo lá.*

6- R: *Mais nordestino.*

7- R: *Nunca cheguei a me sentir constrangido, mas quando eu cheguei era só eu abrir a boca que o povo da gaitada, porque querendo ou não é muito diferente né, mas eu gosto do meu sotaque, pra mim é o mais fera que existe.*

8- R: *Não sei o que o povo de Brasília acha, mas eu até acho que o pessoal daqui fala bem parecido com o povo de lá do Maranhão, porque eu já fui em outros estados e não achei parecido igual eu acho aqui, quando eu fui pra Santa Catarina, aí sim eu senti diferença, lá é muito diferente mesmo, eles tem umas gírias que eu não entendia nada, e tem umas pessoas que falam um português que parece mais espanhol do que o próprio português. Agora aqui em Brasília eu acho maior de boa, tem umas diferenças, mas nada que tu não consiga entender.*

9- R: *Tem que conservar igual eu faço. (risos)*

10- R: *Nove.*

11- R: *Macaxeira*

12- R: b) *Avexado, mas eu falo mais “aperreado”*

13- R: *Lá a gente fala ‘tu’, esse negócio de ‘você’ é daqui de Brasília.*

14 - R: *b) Esculhambado*

15-R: *“Égua mano, tu viu a barroada que teve lá na rua de riba”.*

APÊNDICE 35 - ESTER, 29 ANOS

1 - R: *Brasília.*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Vieram porque como aqui tava começando ainda, tinha mais oportunidade de emprego, aí veio quase todo mundo da minha família junto, meus avós, meus pais, e três dos meus tios, ficou só dois tios meus lá, um deles veio depois de um tempo o outro ainda mora lá.*

4- R: *Já fui em Alagoas, mas lá no Piauí mesmo onde eles moravam, eu nunca fui, nem eles mesmo foram quem dirá eu.*

5- R: *Vantagem é ganhar melhor né, mais qualidade de vida, e desvantagem ter que começar tudo do nada.*

6- R: *Brasiliense*

7- R: *Não.*

8- R: *Sinto que é importante sempre lembrar dos povos que ajudaram a construir aqui né, que eu acho que a maioria foi gente que veio de lá.*

9- R: *Sim.*

10- R: *Falando pela família toda, cinco.*

11- R: *Mandioca ou macaxeira também*

12- R: *Apressado*

13- R: *‘Tu’*

14 -R: *a) Estragado*

15- R: *“Vai-te pra baixa da égua!”*

APÊNDICE 36 - THIAGO, 38 ANOS

1 - R: *Do Ceará*

2- R: *Morei em Crato até uns 12 anos, depois fomos pra Acaraú e depois de uns 10 anos viemos pra Brasília.*

3- R: *Foi vindo um monte de gente da minha família, um de cada vez, aí chegou uma hora que tava todo mundo morando aqui. Aí meu pai decidiu vim também.*

4- R: *(sem resposta)*

5- R: *Pro meu pai até que foi bom, ele conseguiu um emprego até bom aqui de caminhoneiro e ele tira até uma nota boa. Mas eu mesmo preferia minha cidade, inclusive eu quero voltar a morar lá em breve, tô só convencendo minha mulher.*

6- R: *Tem mais características cearense, porque o nordeste é muito grande né, então é diferente eu dizer que falo como um cearense de eu dizer que falo como um nordestino.*

7- R: *Não, porque a formiga sabe o pau que roi, nego não tem coragem de ficar tirando com minha cara não.*

8- R: *Sinto respeito pela história de Brasília, mas eu prefiro mesmo meu Ceará, dá de dez a zero.*

9- R: *Sim.*

10- R: *Nota sete.*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *Avexado*

13- R: *O 'tu'*

14 -R: *c) Desmantelado.*

15- R: *“Quando acabar aqui aqui eu vou capar o gato!”*

APÊNDICE 37 - THELMA , 58 ANOS

1 - R: *Sou de Pernambuco*

2- R: *[...]Faz tantos anos que eu nem me lembro mais direito quando foi, mas foi em noventa e alguma coisa.*

3- R: *Vim atrás de dignidade né, porque nem isso eu tinha quando eu morava lá, a gente vivia uma vida muito miserável e de muita escassez, eu vivia depressiva porque parecia que a vida não saia do lugar, aí quando a Amanda eu quis mudar pra ver que eu saia daquela depressão e pra tentar dar uma vida melhor ela, e falei que essa seria a última chance que eu estava dando pra minha vida, que se não mudasse nada, eu iria tirar minha vida, mas graças a Deus hoje eu tô aqui pra contar a história que eu sobrevive a uma vida de tanto sofrimento.*

4-R: *Morei lá quase 30 anos.*

5- R: *A principal vantagem foi o ânimo para viver novamente, o lugar que eu vivia, nas condições que eu vivia, me adoecia muito.*

6- R: *Mais nordestino*

7- R: *Não me recordo.*

8- R: *O legado linguístico eu não tenho muito o que dizer, mas o legado que eu quero deixar pra os meus filhos e que eu quero que eles se lembrem, é da Thelma depois que chegou em Brasília, porque antes disse infelizmente só são lembranças ruins.*

9- R: *“Lugar novo, vida nova, novos hábitos”*

10- R: *Seis*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *Apressado ou avexado*

13- R: *'Tu'*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Eita cabra bom da mulesta!”*

APÊNDICE 38 - LEONARDO, 51 ANOS

1 - R: *Do Maranhão.*

2- R: *Vim em 2002, eu já tinha quase 30 anos.*

3- R: *Quando eu casei com a Janaína a gente se mudou pra cá, dois dois doidos, irresponsáveis (risos). Mas não é que deu certo, a gente comprou uma casa, e logo ela descobriu que tava grávida. Mas no comecinho não foi muito fácil não, tinha uma amiga da minha mãe que morava aqui já tinha muito tempo, que deixou a gente dormir na casa dele nas primeiras noites quando chegamos aqui, aí ela cedeu um quarto pra gente e tivemos que amontoar todas as nossas coisa pra caber dentro desse quarto.*

4- R: *Já morei e já fui passear também.*

5- R: *Muitas vantagens né, conquistei muita coisa aqui, tive muita oportunidade de empregos bons, empregos que acho que nunca iria conseguir morando no Maranhão.*

6- R: *Acho que é meio a meio, porque tem tantos anos que eu moro aqui, que já não deve ter nem muita diferença não.*

7- R: *Não, até porque a maioria das pessoas que convive comigo são tudo de lá também.*

8- R: *Me sinto muito à vontade aqui, me sinto em casa, acho que já dá até pra dizer que eu sou Brasiliense também.*

9- R: *É muito importante sim!*

10- R: *Só uns três, tô dizendo que eu já sou mais candango que maranhense.*

11- R: *Macaxeira*

12-R: *b) Avexado*

13- R: *‘Tu’*

14 -R: *b) Esculhambado*

15- R: *“Te vira, siô, dá tcheus pulo!”*

APÊNDICE 39 - BRUNA, 24 ANOS

1 - R: *Brasília mesmo.*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Em busca de muitas coisas que lá onde eles moravam era mais difícil de conquistar, sabe? Minha família era de uma cidade muito pequena lá no interior do Rio Grande de Norte, e quando surgiu a oportunidade de vir pra Brasília, tentar a vida aqui eles vieram, mesmo com medo, mas meu pai sempre falou que o sonho dele era só sair de lá, não importa pra onde fosse, ele só queria ter a oportunidade de morar em um lugar melhor.*

4- R: *Nunca morei, só fui pra visitar os familiares que eu não conhecia ainda.*

5- R: *Nós que moramos em Brasília somos extremamente privilegiados né, eu tenho muito orgulho de ter nascido aqui, não que eu tenha algo contra os estados do nordeste, mas Brasília é diferenciada demais em qualidade de vida, só vantagem em morar aqui.*

6- R: *Eu considero as características do meu jeito de falar são totalmente aqui de Brasília mesmo, mas meus pais tem muito sotaque do RN ainda.*

7- R: Não.

8- R: *Brasília foi construída por gente de todo canto né, então é importante manter tanto o legado dos nordestinos quanto os que outras pessoas de outros lugares que vieram pra cá também em condições péssimas de trabalho e deram seu sangue pra hoje isso aqui ser o que é, os mineiros por exemplo tem muita parte nisso também, talvez não tanto quanto os nordestinos, mas também têm sua parcela na história do DF.*

9- R: *Isso é uma responsabilidade de cada um né, eu prezo pela história da minha família, pela superação dos meus pais quando vieram pra cá e tal, mas tem gente que não gosta de ficar relembando o passado, de onde veio, e tá tudo bem respeitar as dores das pessoas também né?*

10- R: Três

11- R: Mandioca

12- R: a) Apressado

13- R: *Uso mais 'tu' na minha percepção que é muito leiga, mas acho que seja isso.*

14 - R: a) Estragado

15- R: *Quando eu vou almoçar na casa de alguém, eu sempre falo que vou 'filar a boia', acho que isso é lá do nordeste né? [...]*

APÊNDICE 40 - OSMAR, 61 ANOS

1 - R: *Sou do Maranhão.*

2- R: *Tem tempo viu? Foi em 89, tinha nem trinta anos ainda, tava só começando a vida.*

3- R: *Eu vim com uns amigos meus de longa data, eles me chamaram pra vim junto, eu tava parado na época, não tinha nada que me prendesse lá, nem pensei duas vezes, só vim.*

4- R: *Minha filha, depois que eu saí de lá eu nunca mais voltei, não porque tenho raiva do lugar ou guardo rancor de ninguém, não fui porque não tive oportunidade mesmo, mas se Deus me abençoar quero voltar lá um dia, tenho umas lembranças muito distante de como era minha vida lá.*

5- R: *Eu sou muito feliz morando aqui, aqui eu não passei metade dos perrengues que passei no Maranhão, pra mim não tem vantagem maior de tá num lugar do que essa, ser feliz e tá perto das pessoas que você ama.*

6- R: Não sei dizer.

7- R: Não.

8- R: *Dizem que o Maranhão tem o português mais bem falado do Brasil né, mas ou o povo daqui fala muito errado, ou as escolas de lá tão ensinando outra coisa que não é o certo, porque tanto eu cheguei aqui eu tive que aprender um monte de coisa e tinha que ficar explicando um monte de coisa que eu achava que em todo lugar era daquele jeito.*

9- R: *É bom ter novos hábitos, mas sempre manter nossos pézinhos no chão de ter a humildade e saber de onde nós viemos e nunca sentir vergonha disso.*

10- R: *Nota cinco.*

11- R: *Macaxeira, cabra que é macho, fala macaxeira..*

12- R: *Avexado*

13- R: *Também não vou saber te dizer isso não minha filha, não estudei até essa parte (risos)*

14 - R: *c) Desmantelado*

15- R: *Lá, quando a pessoa não tá num dia bom a gente dizia que ela tinha acordado 'aziada' que era pra dizer que era melhor nem puxar conversa pra não levar uma má resposta.*

APÊNDICE 41 - FLÁVIA, 34 ANOS

1 - R: *Sou de Recife, Pernambuco*

2- R: *Vi com 14 anos, em 2005.*

3- R: *Meu pai é militar da Marinha e foi transferido pra cá.*

4- R: *Morei até os 14 e já fui várias vezes também, amo o Nordeste demais, já tive a oportunidade de conhecer todos os estados.*

5- R: *Hoje eu amo morar aqui e não me vejo morando em outro lugar, mas quando tivemos que vir eu sofri muito, chorava todos os dias perguntando pra o meu pai porque ele tava fazendo aquilo com a gente, tirando a gente do meio da nossa família e dos meus amigos pra vir pra cá, adolescente sempre acha que tudo é o fim do mundo né, comigo não foi diferente, (risos).*

6- R: *O idioma lá de casa é o Recifense.*

7- R: *Não, na realidade eu já escutei muito elogio, e modéstia a parte nosso sotaque é o mais lindo do Brasil né? Pode falar!*

8- R: *Eu morro de orgulho do meu estado, do meu povo, do nosso jeitão de falar. Brasília tem seu charme mas meu grande amor é Pernambuco.*

9- R: *Sim, muito!*

10- R: *Nem preciso responder né? Mil!*

11- R: *Macaxeira*

12- R: *b) Avexado ou aperreado*

13- R: *Tu, visse! (risos)*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Vou ligeiro fazer o de comer, se não vou dar uma bilora de fome.”*

APÊNDICE 42 - SAMUEL, 19 ANOS

1 - R: *Brasília.*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Quando minha vó morreu, a tia da minha mãe chamou ela pra vir morar com ela aqui, minha mãe tinha 18 anos quando minha avó de verdade morreu, porque minha mó de consideração, que eu chamo de vó mesmo é, ela é tia da minha mãe.*

4- R: *Nunca fui lá.*

5- R: *Minha mãe veio numa situação não muito boa, então a desvantagem é que ela tinha ficado órfã de pai e mãe, e a vantagem é que aqui minha tia/avó, deu uma família nova pra ela, ajudou ela a entrar na faculdade de enfermagem e se formar [...]*

6- R: *Nem minha mãe que é de lá, tem sotaque nordestino.*

7- R: *Não.*

8- R: *Na minha família não ficou muitas características, mas eu sei que tem família que depois que muda pra cá faz questão de manter né, não vejo como certo ou errado, até porque é uma questão de costume, minha mãe mesmo tendo morado lá até 18 anos, já se acostumou a com o jeito daqui.*

9- R: *É importante conservar.*

10- R: *Quase nada, mas também pra não dizer que é nada, vou dizer que é 2.*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado.*

13- R: *Tenho mais costume de chamar as pessoas de ‘você’.*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Ai dento!”*

APÊNDICE 43 - DALVA, 57 ANOS

1 - R: *Vim da Bahia.*

2- R: *Eu vim em 2004, se eu não me engano tinha 35 [...]*

3- R: *Vim quando a Rebeca passou pra faculdade aqui, e eu não queria que ela viesse morar sozinha aqui, até porque nem podia também ela era de menor, tinha 17 anos quando passou pra direito, e eu não queria que ela perdesse a oportunidade, então eu preferi abrir mão das nossas coisas lá pra apoiar o sonho dela, e graças a Deus eu não me arrependo de nada, hoje ela tá aí, minha advogada trabalhista, meu maior orgulho, e eu também me apaixonei por Brasília, se fosse pra escolher qualquer lugar no mundo pra morar, eu escolheria aqui.*

4- R: *Do nordeste, eu conheço a Bahia, o Maranhão e o Pernambuco, porque eu já viajei pra lá.*

5- R: *Na realidade a única desvantagem que eu vejo é a saudade dos meus irmãos e dos meus sobrinhos, essa sempre é a pior parte de sair de onde a gente nasceu, mas a vida é assim mesmo, não dá pra gente viver pra sempre na nossa zona de conforto, uma hora a vida sempre vai levar a gente a fazer escolhas que podem nos afastar de quem amamos, mas que vai ser para o nosso bem, no meu caso mesmo foi isso, e eu não me arrependo, sinto falta deles e amo eles, mas não me arrependo de ter vindo e ter recomeçado minha vida aqui.*

6- R: *Um pouco dos dois, mas acho que a baiana que mora em mim só acorda quando eu tô com raiva, aí todo mundo tem que sair de perto, porque eu verdadeiramente 'rodo a baiana' como dizem.*

7- R: *Não, oxe, o povo faz é gostar quando eu faço alguma brincadeira com o sotaque da Bahia.*

8- R: *Sinto que a gente sem querer vai perdendo mesmo nosso sotaque, é normal, e isso acontece com todo mundo quando mora muitos anos no mesmo lugar, mas isso nunca vai fazer da pessoa menos baiana ou menos nordestina, porque o que realmente importa é a alma de nordestino que todo mundo que é de lá tem em comum, isso aí não muda nunca, nem se a pessoa se mudar pra o outro lado do mundo.*

9- R: *Mesmo residindo em Brasília, ou mesmo residindo em qualquer lugar do mundo.*

10- R: *Considerando que eu mudei muito, vou colocar seis.*

11- R: *Mandioca*

12-R: *b) Avexado*

13-R: *Eu uso mais o 'tu'*

14 - R: *b) Esculhambado*

15- R: *“Deixe de fuleragem que eu não tô boa não!”*

APÊNDICE 44 - ADRIANA, 33 ANOS

1 - R: *Em Brasília.*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Meu pai e minha madrastra vieram pra trabalhar, um conhecido deles da época arrumou uma vaga de emprego pra os dois na JBS e eles vieram.*

4- R: *Só no Piauí, mas só visitei mesmo, morar nunca morei.*

5- R: *Eles sempre quiseram vir, mas nunca dava certo, porque tinham medo de largar o certo pelo duvidoso, aí como essa vaga de emprego já era certeza, eles vieram sem nem pestanejar, a desvantagem mesmo foi pra mim, que quando a gente veio eu tinha um namoradinho lá e sofri horrores pra largar ele, pensei que ia morrer, era meu amor da adolescência.*

6- R: *Brasilienses.*

7- R: *Não, porque acho que não se aplica muito para filhos de nordestinos.*

8- R: *Como uma grande parte das pessoas aqui de Brasília, são pessoas que vieram de lá, é importante sempre manter e sempre lembrar desse legado que foi construído e que é muito bonito por sinal.*

9- R: *É importante sim, é uma questão de respeito até né.*

10- R: *Minha família não é tanto um exemplo de família nordestina, daquelas que tem tradição e tal, então: Três.*

11- R: *Mandioca*

12-R: *Apressado.*

13- R: *Aqui em Brasília eu vejo mais o povo falando “você”, o tu parece que tá falando com grosseria. Eu falo mais “você”.*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“Vou pegar alguma coisa ali em riba.”*

APÊNDICE 45 - LUCIANA, 55 ANOS

1- R: *Dom Pedro, Maranhão.*

2- R: *Cheguei em Brasília em 89, isso aqui era diferente demais, não tinha metade do que tem hoje, é igual diz o povo “era tudo mato”, eu tinha 20 anos nesse tempo.*

3- R: *Logo que casei com o Manuel, meu sogro mais minha sogra decidiram que ia vim morar aqui, meu sogro perguntou se Manuel queria vim pra ajudar ele aqui nos serviço de peão que ele ia pegar, porque diz que aqui tinha muito trabalho e que como ele já era pedreiro lá, o pai dele disse que aqui ele não ia ficar sem serviço. Aí ele nem me falou nada, amanheci um dia ele já tava era com as mala pronta pra vim, mal deu tempo de eu pedir a bênção a papai e mamãe, por pouco eu não largo ele nesse dia. Mas depois de uns 3 anos que a gente tava morando aqui, eu consegui voltar lá pra ver meus pais.*

4- R: *Depois de morar aqui, fui lá umas 5 vezes, não tenho saudade do lugar, mas morro de medo de meus pais partirem sem eu tá lá cuidando deles.*

5- R: *Fia, morar aqui é bom demais né, quem disser que é ruim tá mentindo, esse lugar aqui é muito abençoado, a única parte ruim mesmo é no começo que a gente fica com medo de não dar certo, de não conseguir se sustentar, mas tudo vai se ajeitando com o tempo e hoje eu só tenho a agradecer a Deus por ele ter trago a gente pra cá.*

6- R: *Mais características do nordeste.*

7- R: *Nunca percebi essas coisas não.*

8- R: *Eu sinto que faço parte de um pouquinho da história né, porque a gente chegou aqui tava tudo começando, então como a gente viu muita ser construída, cidade que nem existia ainda, ser levantada do nada, eu acho que a gente tem parte nisso também.*

9- R: *Sempre conservar.*

10- R: *Cinco pra Maranhão e cinco pra Brasília.*

11- R: *Isso aí é macaxeira pra gente que é maranhense, pra turma daqui eu sei que é mandioca*

12- R: *b) Avexado*

13- R: *‘Tu’*

14 - R: *a) Falo dos três jeitos, falo até que ta ‘coisado’.*

15- R: *Responder o que eu sempre dizia pra os meninos aqui em casa: Te faz de doido que o pau te acha.*

APÊNDICE 46 - LARISSA, 26 ANOS

1- R: *Brasília.*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Vieram porque o restante da família já estava aqui,*

4- R: *Já fui mas não para morar, já viajei tanto lá pra o ceará na casa dos meus tios que moram lá, quanto pra outros estados só a passeio mesmo.*

5- R: *As oportunidades de crescer profissionalmente né, e a desvantagem é que eu acho que aqui em Brasília não tem muita coisa pra fazer, acho aqui mesmo parado, lá tem opção de atividades pra fazer, sem contar que tem praia. não onde eles moravam, mas na cidade do lado tinha.*

6- R: *Mais Brasiliense.*

7- R: *Eu não tenho traços característicos do nordeste na minha fala.*

8- R: *Sinto orgulho de ser filha de nordestino.*

9- R: *Confesso que na minha família eles não conservaram muito essas raízes não, mas eu acho importante sim.*

10- R: *Quatro*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado, mas é bem comum meus pais falarem que tão ‘avexados’.*

13- R: ‘Você’

14 -R: *a) Estragado*

15- R: *“Para de me aperrear, eu já vou!”*

APÊNDICE 47 - ZILDA, 63 ANOS

1 - R: *Sou da Paraíba.*

2- R: *Vim juvenzinha ainda, em 87, já vai quarenta anos que eu moro aqui Brasília, tenho mais tempo de vida aqui do que lá.*

3- R: *A gente veio pra ver se aqui a gente conseguia ter as coisas né, porque o povo da nossa família sempre foi um povo muito trabalhador; mas mesmo assim, trabalhava trabalhava e nunca conseguia conquistar nada, aí a gente tava pronto pra ir pra São Paulo pra procurar trabalho lá e tentar ter conquistar o principal que era uma casa, mas de repente meu pai mudou opção, depois que ele andou ouvindo umas conversas de gente que já tinha vindo pra cá. Aí a história tem muitos detalhes e é muito longa pra dar numa resposta pequena, mas o começo foi assim.*

4- R: *Voltei lá só uma vez que foi pra fazer uma cirurgia que uma prima minha conseguiu pra mim lá, porque a fila que eu tava aqui em Brasília sabe lá Deus quando eu ia ser chamada.*

5- R: *O que a gente veio atrás de conseguir, a gente conseguiu, com muito trabalho mas conseguiu, então não tem o que reclamar não.*

6- R: *Nordestina.*

7- R: *Já me senti envergonhada por outras coisas, porque quando a gente chegou a gente era muito pobre, mas muito pobre mesmo, então a gente recebia uns olhares meio tortos porque a gente sempre tava com umas roupinhas velhas surradas, uns sapatos mais velhos que nós tudo junto do tempo do Ronca, mas por negócio de jeito de falar não.*

8- R: *Nós estamos deixando uma história, não é isso? Então a gente decide se vamos deixar histórias boas ou ruins para nossos filhos e nossos netos. Não existe a opção de não deixar nada, ou você deixa algo bom, ou deixa algo ruim, e essa é uma decisão que a gente tem que tomar todo dia, de ser uma pessoa boa, honesta,*

trabalhadora, de caráter, porque dinheiro qualquer um pode deixar, mas essas coisas não se compram com dinheiro [...]

9- R: *Sim!*

10- R: *Nota 10!*

11- R: *Isso aí eu conheço como Macaxeira.*

12-R: *Uso os três, mas acho que uso mais 'avexado'.*

13 -R: *Chamo de 'tu', só se for uma pessoa mais importante assim, tipo pastor, polícia, médico, aí eu chamo de 'você'.*

14 - R: *c) Desmantelado.*

15- R: *“Não fica me aporrinhando que eu já vou!”*

APÊNDICE 48 - SÍLVIA, 49 ANOS

1- R: *Sou sergipana.*

2- R: *Vim em 2018, tinha 42.*

3- R: *A gente em missão pra cá, o campo missionário da nossa igreja aqui de Brasília estava precisando de gente, e nossos pastores de lá nos enviou para dar um reforço, foi desafiador no começo mas como tudo na vida a gente foi se habituando com a cultura aqui, e estamos feliz porque sabemos que estamos no centro da vontade de Deus.*

4- R: *Morei em Aracaju vida inteirinha, mas já conhecemos o nordeste todo em missões, não só o nordeste, mas o Senhor nos deu oportunidade de conhecer vários outros estados desse Brasil e até outros países também.*

5- R: *Tudo tem seus prós e seus contras né, hoje a gente é muito feliz aqui, Deus tem nos abençoado e nos prosperado muito, Brasília, pra minha família é sinônimo de prosperidade. Mas nós também tínhamos uma vida estável lá que tivemos que renunciar e não foi fácil, mas bens materiais sempre podemos conquistar de novo né? [...]*

6- R: *Completamente nordestinas, sergipanas para ser mais específica.*

7- R: *Durante os anos que eu moro aqui não, espero nunca ter essa experiência, mas acredito que nunca vou precisar passar por isso, eu fui muito bem acolhida aqui, desde o dia que cheguei as pessoas de Brasília abraçaram a mim e à minha família com muito amor e respeito.*

8- R: *Não posso dizer nada sobre o legado linguístico de Brasília ainda, sou muito nova aqui pra isso.*

9- R: *Ô se é! Eu mesmo enquanto eu viver, meu sotaque vai ser do meu estado.*

10- R: *Nota 10, com muitíssimo orgulho.*

11- R: *Macaxeira*

12-R: *a) Apressado. Avexado é do nordeste mesmo, mas lá em Aracaju a gente costuma falar 'apressado' mesmo.*

13- R: *Costumo usar mais o 'você'*

14 -R: *a) Estragado*

15- R: *Uma coisa que eu achei muito diferente quando cheguei aqui foi que o 'pão francês' ou 'pão de sal' que vocês dizem aqui, para nós lá é 'pão Jacó'.*

APÊNDICE 49 - JÉSSICA, 25 ANOS

1 - R: *Brasília.*

2- R: *(sem resposta)*

3- R: *Minha mãe é do Maranhão né, ela veio porque dizia que achava chique morar na Capital, e queria morar aqui nem que fosse trabalhar lavando privada. E ela é assim decidida, quando ela põe uma coisa na cabeça, não tem quem tire, e ela veio mesmo e tá aqui até hoje.*

4- R: *Ainda não tive a oportunidade de ir lá.*

5- R: *Sempre que eu converso com ela, ela diz que as coisas melhoraram muito quando ela se mudou pra cá, então não sei se tem desvantagens. [...]*

6- R: *Brasiliense, até minha mãe que é do Maranhão, você nem diz que ela é de lá, porque nem tem mais tanto sotaque.*

7- R: *Não.*

8- R: *Não tenho uma história tão ligada assim com o nordeste, mas é um povo que eu respeito demais, é um pessoal que sempre tem uma história de superação pra contar né? Incrível!*

9- R: *É importante sim.*

10- R: *Uns três.*

11- R: *Mandioca*

12- R: *Apressado*

13- R: *Como uma Brasília clichê, eu falo mais 'você', até rimou (risos)*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *Uma coisa que eu aprendi a falar com minha mãe que no começo eu falava só zoando e agora eu peguei a minha de falar é 'arriba' que é tipo levantar. Por exemplo "arriba a tampa do vaso".*

APÊNDICE 50 - LUÍZA, 26 ANOS

1 - R: *Em Brasília.*

2- R: *Moro aqui desde de que nasci.*

3- R: *Eles vieram para ter mais oportunidade de emprego mesmo, meu pai se formou em engenharia na Universidade Federal da Bahia, a UFBA, só que nunca tinha conseguido nenhum emprego na área dele, aí surgiu um processo seletivo muito bom aqui em Brasília e ele decidiu vir.*

4- R: *Quase todo final de ano a gente vai pra Bahia visitar nossa família, morar nunca morei. E também já fui nos lençóis maranhenses e em Maceió.*

5- R: *A vantagem é alavancar a vida profissional e a desvantagem é ter que sair do lugar que você sempre morou e construiu sua vida e sua família.*

6- R: *Mesmo sendo filha de nordestino, acho que o meio que a gente convive sempre influencia mais, então acredito que tenha mais características brasilienses mesmo no meu jeito de falar.*

7- R: *Nunca me ocorreu.*

8- R: *Acho que é o legado linguístico mais importante de Brasília, tem de outros lugares também né, mas acho que os descendentes de nordestinos são maioria.*

9- R: *É importante conservar as raízes mas também é importante estar aberto a novos aprendizados do lugar que te recebe.*

10- R: *Cinco*

11- R: *Mandioca*

12- R: *a) Apressado*

13- R: *Tenho a impressão que uso mais o ‘você’.*

14 - R: *a) Estragado*

15- R: *“O pessoal da minha família é tudo gaiato”.*